

A Gaiyota
(Anton Tchekhov)

PERSONAGENS

ARKÁDINA, IRINA NIKOLÁIEVNA, nome de casada TREPLIOVA, atriz
TREPLIOV, KONSTANTIN GAVRILOVITH, seu filho, um jovem
SORIN, PIOTR NIKOLÁIEVITCH, irmão de ARKÁDINA
ZARÊTCHNAIA, NINA MIKHAILOVNA, filha de um rico fazendeiro
CHAMRÁIEV, ILIA AFANASIEVITCH, tenente reformado, administrador de Sorin
POLINA ANDRÉIEVNA, sua esposa
MACHA, sua filha
TRGORIN, BORIS ALEKSÊIEVITCH, escritor
DORN, IEVGUENI SERGUÊIEVITCH, médico
MEDVEDENKO, SEMION SEMIONOVITCH, mestre-escola
IAKOV, um empregado
COZINHEIRO
CRIADA

(A AÇÃO SE PASSA NA PROPRIEDADE DE SORIN. ENTRE O TERCEIRO E O QUARTO ATOS TRANSCORREM DOIS ANOS)

PRIMEIRO ATO

(UM TRECHO DO PARQUE NA PROPRIEDADE DE SORIN. A AMPLA ALAMEDA QUE, PARTINDO DA PLATÉIA, CONDUZ AO INTERIOR DO PARQUE EM DIREÇÃO A UM LAGO, ESTÁ INTERROMPIDA POR UM ESTRADO IMPROVISADO, ONDE SE REALIZARÁ UM ESPETÁCULO TEATRAL DOMÉSTICO, DE MODO QUE O LAGO FICOU TOTALMENTE OCULTO. À DIREITA E À ESQUERDA O ESTRADO ESTÁ CERCADO DE ARBUSTOS. ALGUMAS CADEIRAS E UMA MESINHA. O SOL ACABA DE SE PÔR. NO ESTRADO, ATRÁS DA CORTINA, ENCONTRAM-SE IAKOV E OUTROS CRIADOS. OUVEM-SE TOSSES E MARTELADAS. PELA ESQUERDA IAKOV E OUTROS CRIADOS. OUVEM-SE TOSSES E MARTELADAS. PELA ESQUERDA APARECEM MACHA E MEDVEDENKO, DE VOLTA DE UM PASSEIO)

MEDVEDENKO – Por que a senhora se veste sempre de preto?

MACHA- Estou de luto pela minha vida. Sou infeliz.

MEDVEDENKO – Por quê? *(Após um momento de reflexão)* Não entendo... A senhora tem boa saúde; seu pai não chega a ser rico, mas é um homem de posses. A minha vida é bem mais difícil que a sua. Recebo vinte e três rublos por mês, e ainda descontam uma parte para a aposentadoria, e mesmo assim não ando de luto. *(Sentam-se)*

MACHA – Não se trata só de dinheiro. Também o pobre pode ser feliz.

MEDVEDENKO – Na teoria sim, mas na prática a realidade é outra: em casa somos eu e minha mãe, mais duas irmãs e um irmão menor... Para um salário de apenas vinte e três rublos. E precisamos comer e beber, não é?! E precisamos de chá e açúcar?! E eu preciso de tabaco?! Aí é que está!

MACHA (*dirigindo o olhar para o estrado*) – O espetáculo vai começar logo.

MEDVEDENKO – Sim. A atriz principal é Zarêtnaia e a peça foi escrita por Konstantin Gavrilovitch. Os dois estão apaixonados e hoje suas almas vão se unir no anseio comum de reproduzir a mesma imagem artística! Porém entre a minha alma e a sua não há pontos de contato. Eu amo a senhora e não consigo ficar em casa, a vontade de vê-la faz com que ande todos os dias seis verstas na ida e seis na volta, e encontro apenas indiferença. É compreensível. Em lugar de posses, tenho, isso sim, uma família numerosa... Quem vai querer se casar com um morto de fome?

MACHA- Besteira!... (*Cheira rapé*) Seu amor me comove, mas não posso retribuí-lo, aí está. (*Oferece-lhe a caixinha de rapé*) Sirva-se.

MEDVEDENKO – Não quero. (*Pausa*)

MACHA – O ar sufocante, à noite com certeza teremos uma tempestade. O senhor passa o tempo todo filosofando, ou falando sobre dinheiro. Em sua opinião, não existe desgraça maior que a pobreza, ao passo que a mim parece mil vezes mais fácil andar de trapos e pedir esmolas do que... Mas o senhor não iria compreender isso... (*PELA DIREITA, ENTRAM SORIN E TREPLIOV*)

SORIN (*apoiando-se numa bengala*) – O campo não foi feito para mim, meu caro, com certeza nunca vou me acostumar a ele. Ontem fui dormir às dez horas e hoje, às nove da manhã, acordei com a sensação de que, de tanto dormir, os miolos tivessem grudado no crânio, e coisa e tal. (*Ri*) E depois do almoço, sem querer peguei no sono de novo, e agora me sinto todo quebrado, parece um pesadelo, afinal de contas...

TREPLIOV – Pois é, você devia viver na cidade (*Repara em Macha e Medvedenko*) Por favor, senhores, serão avisados quando começar, agora não podem permanecer aqui. Tenham a bondade de se retirar.

SORIN (*A Macha*) – Maria Ilínitchna, por gentileza, peça a seu pai que mande soltar o cachorro, ele uiva o tempo todo. Minha irmã passou de novo a noite em claro.

MACHA – Fale o senhor mesmo com meu pai, eu não direi nada a ele. Não me queira mal! (*A Medvedenko*) Vamos!

MEDVEDENKO (*A Trepliov*) – Então, mande nos avisar quando estiver para começar. (*Os dois saem*)

SORIN- Isso quer dizer que de novo o cão vai ganir a noite toda... Pois então, nunca me senti à vontade no campo. Às vezes tirava vinte e oito dias de férias e vinha aqui para descansar e coisa e tal; mas logo me aborreciam tanto com tantas besteiras, que tinha vontade de fugir já no primeiro dia. (*Ri*) Na hora de ir embora daqui sempre estava muito contente... Mas, agora estou aposentado, não tenho para onde ir, afinal de contas... Goste ou não, tenho que ficar morando aqui...

IAKOV (*A Trepliov*) – A gente vai tomar banho, Konstantin Gavrilovitch.

TREPLIOV – Está bem, mas dentro de dez minutos devem estar em seus lugares (*Consulta o relógio de algibeira*) Vai começar daqui a pouco.

IAKOV – Sim, senhor. (*Sai*)

TREPLIOV (*olhando o estrado*) – Isso que é teatro! O pano de boca, o primeiro bastidor, o segundo bastidor, depois um espaço vazio. Nenhum cenário! A vista se abre direto para o lago e o horizonte. Subiremos o pano às oito e meia em ponto, no momento em que surge a lua.

SORIN – Magnífico!

TREPLIOV – Se Zarêchnaia se atrasar, é claro que todo o efeito vai se perder. Ela já devia estar aqui. O pai e a madrasta a vigiam tanto que para ela escapar de casa é tão difícil quanto escapar de uma prisão. (*Ajeita a gravata do tio*) Seu cabelo está desganhado e também a barba. Não seria mal apará-los.

SORIN (*cofia a barba*) – Esta tem sido a tragédia da minha vida. Desde jovem sempre tive o aspecto de um bêbado empedernido e coisa e tal. As mulheres nunca gostaram de mim. (*Senta-se*) Por que minha irmã anda tão mal-humorada?

TREPLIOV – Por quê? Por que está entediada (*Senta-se ao lado*) Está com ciúme. Hostiliza a mim, a representação e até mesmo a peça, porque não ela quem se apresenta e sim Zarêchnaia. Nem conhece a peça e já a odeia.

SORIN (*rindo*) – Você está imaginando coisas...

TREPLIOV – O simples fato de que, neste pequeno palco o sucesso será de Zarêchnaia já a deixa aborrecida (*Consulta o relógio*) Minha mãe é um caso psicológico. É talentosa, isso é indiscutível, é inteligente e é capaz de se emocionar lendo um livro, sabe de cor e salteado toda a obra de Nekrasov, cuida dos enfermos como um anjo. Mas se atreva a elogiar a Duse diante dela! Deus o proteja! Deve-se elogiar apenas a ela, escrever apenas sobre ela, entusiasmar-se e ovacioná-la por sua extraordinária interpretação na Dama das Camélias e em O torpor da vida, mas como aqui no campo não dispõe desse tipo de drogas, ela se aborrece e se enfurece, e todos somos seus inimigos e os culpados de tudo. Além do mais, é também supersticiosa, assusta-se com três velas, com o número treze... E é avarenta: tem setenta mil rublos no banco em Odessa, tenho certeza disso. Mas experimente pedir-lhe dinheiro emprestado: ela começa a chorar.

SORIN – Você pôs na cabeça que a peça não agrada à sua mãe e já está nervoso, é isso... Fique calmo, sua mãe adora você!

TREPLIOV (*desfolhando uma flor*) – Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. Bem me quer, mal me quer. (*Ri*) Está vendo? Minha mãe não me quer. Claro! Ela deseja viver, amar, vestir roupas claras – e os meus vinte e cinco anos a fazem lembrar sempre que não é mais jovem. Quando não estou perto, ela tem apenas trinta e dois anos, mas quando apareço tem quarenta e três – ela me odeia por isso. Sabe também que para mim o teatro não existe. Ela ama o teatro, crê estar a serviço da humanidade e da sagrada arte, ao passo que, em minha opinião, o teatro atual não passa de rotina e convenção. Quando sobe o pano e esses grandes talentos, os sacerdotes da sagrada arte, iluminados pela luz artificial imitam entre três paredes como as pessoas bebem, comem, amam, caminham, como envergam seus casacos;

quando dessas cenas e frases vulgares tentam arrancar uma moral – uma moral ao alcance de todos, superficial, destinada a uso doméstico; quando apresentam em mil variantes sempre o mesmo, o mesmo, o mesmo – então eu fujo, e fujo como Maupassant fugia da Torre Eiffel, que, cm seu mau gosto, lhe esmagava o cérebro.

SORIN – No entanto o teatro tem de existir.

TREPLIOV – Precisamos de novas formas. Novas formas, e se elas não existirem, é preferível que não haja nada... (*Consulta o relógio*) Eu amo minha me, amo muito; mas ela leva uma vida tola, anda com esse escritor, é mimada pela imprensa – isso me cansa muito. Às vezes, é o egoísmo dos simples mortais que fala em mim; lamento que a minha mãe seja uma atriz famosa, e me parece que eu seria muito mais feliz se ela fosse uma mulher comum! Pois, titio, pode haver situação mais estúpida e desesperadora que esta: muitas vezes ela recebe a visita de toda classe de celebridades, artistas, escritores, e entre eles o único que não é nada sou eu, e só me toleram por ser filho dela. E então, quem sou eu? O que sou? Larguei a faculdade no terceiro ano – como se diz, “por problemas alheios à minha vontade”- , não tenho talento e tampouco um tostão furado, e a cédula de identidade descreve-me apenas como um burguesinho de Kiev. Meu pai também era só um burguês de Kiev, embora tenha sido um ator famoso. De modo que, toda vez que esses artistas e escritores, lá no salão, se designavam me dar atenção, a mim me parecia que seus olhares mediam apenas minha insignificância. E eu adivinhava seus pensamentos, e a humilhação me fazia sofrer...

SORIN – A propósito, diga-me , que espécie de homem é esse escritor? Não dá para perceber. Está sempre calado.

TREPLIOV – É um homem inteligente e simples, um pouco melancólico, sabe? Muito dente. Apesar de ainda estar longe dos quarenta, já é famoso e se enfatiou com tudo... Quanto a seus escritos, que posso dizer?... São agradáveis, mostram talento... Mas... Depois de Tolstoi ou Zola, não se tem vontade de ler Trigorin.

SORIN – Pois eu, meu caro, gosto dos escritores. Em outros tempos desejava ardentemente duas coisas: casar e tornar-me escritor, porém não consegui nem uma coisa nem outra. Pois é. Porque, no final de contas, deve ser agradável ser um literato, mesmo de segunda classe.

TREPLIOV (*Aguçando os ouvidos*) – Estou ouvindo passos... (*Abraça o tio*) não posso viver sem ela... Até o som de seus passos é maravilhoso... Estou loucamente feliz (*Dirige-se apressado ao encontro de Nina Zarêtnaia, que entra*) Minha fada, meu sonho...

NINA (*agitada*) – Não estou atrasada... Não cheguei atrasada, não é?...

TREPLIOV (*beija-lhe as mãos*) – Não, não, não...

NINA – Passei um dia tenso, foi tão horrível! Temia que meu pai não me deixasse vir... Mas agora ele saiu com minha madrastra. O céu está vermelho, logo nascerá a lua... E eu fiz o cavalo correr tanto, mas tanto! (*Ri*) Mas estou terrivelmente contente! (*Aperta com força a mão de Sorin*)

SORIN (*rindo*) – Parece que seus olhinhos andaram chorando... Eh-eh! Isso não é bom!

NINA – Pois é... Está vendo, mal posso respirar. Daqui a meia hora devo partir, preciso me apressar. Não, não posso ficar, peço pelo amor de Deus, não tentem me reter. Meu pai não sabe que estou aqui.

TREPLIOV – Realmente. Já está na hora de começar. Vamos chamar a todos.

SORIN – Deixe que eu vou. Neste instante (*Sai pela direita, cantando*) “Dois granadeiros foram à França...” Certa ocasião, cantei como agora, e um assistente de procurador me disse: “Excelência, sua voz é poderosa...” Depois, calou-se, pensou um pouco e concluiu: “... porém é péssima”. (*Sai rindo*)

NINA – Meu pai e a mulher dele não me permitem vir aqui. Dizem que o ambiente é de boemia... Têm medo de que me torne atriz... E alguma coisa me atrai a este lago, como se eu fosse uma gaivota. Meu coração está repleto de você. (*Olha em volta*)

TREPLIOV – Estamos sós.

NINA – Mas, me parece que há alguém ali...

TREPLIOV – Não há ninguém (*Beijam-se*)

NINA – Que árvore é esta?

TREPLIOV – Um salgueiro.

NINA – E por que é tão escura?

TREPLIOV – Já é noite, e à noite todo objeto é escuro. Eu suplico, não vá embora tão cedo.

NINA – Não posso.

TREPLIOV – E se eu a acompanhasse, Nina? Passaria a noite toda no seu jardim, olhando para a sua janela.

NINA – Não pode, o guarda o veria. E Trésor não o conhece, começaria a latir.

TREPLIOV – Eu a amo!

NINA – Psss...!

TREPLIOV (*ouvindo passos*) – Quem é? É você, Iakov?

IAKOV (*atrás do estrado*) – Sim, senhor

TREPLIOV – Cada um ocupe seu lugar. Está na hora. A lua já está nascendo?

IAKOV – Sim, senhor.

TREPLIOV – Tem álcool? E enxofre? Quando aparecerem os olhos rubros, é preciso que haja cheiro de enxofre! (*Para nina*) Vá, já está tudo preparado, está nervosa?

NINA – Sim, muito. De sua mãe não tenho medo, mas Trigorin está aqui... E me dá muito medo representar diante dele... Um escritor famoso... Ele é jovem?

TREPLIOV – Sim.

NINA – Que contos maravilhosos ele escreve!

TREPLIOV (*com frieza*) – Não sei, não li.

NINA – É difícil trabalhar em sua peça. Ela não tem personagens vivos.

TREPLIOV – Personagens vivos! A vida precisa ser representada não como é nem como devia ser e, sim, como aparece em nossos sonhos.

NINA – Sua peça tem pouca ação, toda ela é pura declamação. E na minha opinião numa peça não deve faltar o amor... (*Ambos se dirigem para detrás do estrado*) (*ENTRAM POLINA ANDRÉIEVNA E DORN*)

POLINA – O tempo está ficando úmido. Volte e calce galochas.

DORN – Estou com calor.

POLINA – O senhor não se cuida. É teimoso. Sendo médico, sabe muito bem como o ar úmido lhe é prejudicial, mas quer me ver sofrendo. Ontem ficou até tarde da noite no terraço, de propósito...

DORN (*cantarolando*) – “Não diga que a nossa juventude se foi.”

POLINA – O senhor estava tão entretido na conversa com Irina Nikoláievna que nem notou o frio. Confesse: ela lhe agrada...

DORN – Estou com cinqüenta e cinco anos...

POLINA – Bobagem. Para um homem isso não é idade. O senhor está muito bem conservado e ainda agrada às mulheres.

DORN – Então que quer que eu faça?

POLINA – Diante de uma atriz todos ficam de quatro. Todos!

DORN (*cantarola*) – “Estou diante de ti...” Que em sociedade gostem dos artistas e os tratem diferente dos comerciantes, por exemplo, é natural. Isso é idealismo.

POLINA – As mulheres sempre se enamoravam do senhor e depois se penduravam em seu pescoço. Isso também era idealismo?

DORN (*encolhe os ombros*) – E daí? Havia muita coisa boa na atitude das mulheres. Em mim apreciavam principalmente o excelente médico. Há uns dez ou quinze anos – a senhora se lembra – eu era o único parteiro decente em toda a região. Além disso, sempre fui um homem honrado!

POLINA (*agarrando-lhe a mão*) – Querido!

DORN – Psss...! Estão vindo. (*ENTRAM ARKÁDINA, DE BRAÇO DADO COM SORIN, E TRIGORIN, CHAMRÁIEV, MEDVEDENKO E MACHA*)

CHAMRÁIEV – Em 1873, durante a feira de Poltava teve uma atuação arrebatadora.

Um sucesso fulminante! Grande desempenho! Por acaso a senhora não sabe por onde anda agora Pavel Semionitch Tchadin, o cômico?

ARKÁDINA – O senhor vive me perguntando por uns atores antediluvianos. Como é que eu vou saber? (*Senta-se*)

CHAMRÁIEV (*com um suspiro*) – Pachka Tchádin! Hoje em dia não há ninguém como ele. O teatro, Irina Nikoláievna, está em decadência! Antes havia carvalhos enormes, hoje só se vêem tocos de árvore.

DORN – Há menos talentos brilhantes, porém o ator médio tem um nível bem superior.

CHAMRÁIEV – Discordo do senhor. Aliás, isso é questão de gosto. “*De gustibus aut bene, aut nihil*”¹ (*Trepliov sai detrás do estrado*)

ARKÁDINA (*Ao filho*) – Quando vai começar, filho querido?

TREPLIOV – Num segundo. Peço-lhes um pouco de paciência.

ARKÁDINA (*citando Hamlet*) – “Ó Hamlet, não fales mais. Faz-se voltar o olhar para o interior de minha alma, e aí diviso manchas negras, de tão firme cor que não sairão jamais.”

TREPLIOV (*também de Hamlet*) – “E isso para viver no fétido suor de um enebado leito, que a corrupção embebe: sórdida chafurda onde arrulhais, onde fazeis o amor...” (*Atrás do estrado soa uma trompa*) Senhora e senhores, vai começar, peço sua atenção! (*Pausa*) Estou começando. (*Golpeia o chão com um bastão e diz alçando a voz*) Oh, antigas e veneráveis sombras que pairais sobre o lago durante a noite, fazei que adormeçamos e deixai que sonhemos com o que acontecerá na terra daqui a duzentos mil anos!

SORIN – Daqui a duzentos mil anos não haverá mais nada.

TREPLIOV – Então, que nos mostrem esse nada.

ARKÁDINA – Que seja. Já estamos dormindo. (*O PANO SOBE, DESCORTINA-SE A VISTA SOBRE O LAGO; A LUA, NO ALTO DO HORIZONTE, SE REFLETE NA ÁGUA; SOBRE UMA GRANDE PEDRA ESTÁ SENTADA NINA ZARÊTCHNAIA, TODA DE BRANCO*)

NINA – Homens, leões, águias e codornizes, cervos galheiros, gansos, aranhas e habitantes das águas: peixes silenciosos, estrelas do mar e tudo o que o olho humano não pode ver – em suma, todas as vidas, todas as vidas que, tendo completado seu triste ciclo, se extinguíram... Há já milhares de séculos a terra não carrega em sua superfície nenhuma criatura viva, e essa pobre lua acende seu farol em vão. Na campina as cegonhas não mais despertam em meio a grande alvoroço, tampouco se ouve o zumbido dos besouros de maio nos bosques de tílias. Faz frio, frio, frio. Tudo está vazio, vazio. E é medonho, medonho, medonho. (*Pausa*) Os corpos dos seres vivos desfizeram-se em pó e a matéria eterna os transformou em pedra, em água, em nuvens, enquanto suas almas se fundiam numa única alma. Essa alma comum e universal sou eu... Eu... Em mim vive a alma de Alexandre, o Grande, de Júlio César, de Shakespeare, de Napoleão e da menor das sanguessugas. Em mim a consciência humana se fundiu com os instintos dos animais e eu me recordo de tudo, tudo, tudo, e dentro de mim

¹ “Sobre os gostos, fala-se bem ou nada.” Trata-se de uma mistura de dois provérbios latinos: “Gosto não se discute” e “Sobre os mortos, fale bem ou nada fale.”

revivo de novo essas vidas. (*APARECEM FOGOS FÁTUOS, SEMELHANTES AOS QUE SE VÊEM NOS PÂNTANOS*)

ARKÁDINA (*em voz baixa*) – Isso é algo decadente.

TREPLIOV (*suplicando e em tom de reprovação*) – Mamãe.

NINA – Estou s. apenas uma vez em cada cem anos abro a boca para falar e minha voz ressoa triste neste deserto onde ninguém em ouve... Tampouco vós, fogos pálidos, me ouvis... Pela madrugada, gera-vos o pântano putrefato e vagais até o amanhecer, mas sem pensamento, sem vontade, sem palpitação de vida. O pai da eterna matéria. O diabo, temendo que surja a vida em vós, transforma-vos a cada instante em átonos, assim como as pedras e a água, e permaneceis em mutação contínua. Somente o espírito permanece imutável e inalterável em todo o universo! Como um prisioneiro atirado num poço profundo e vazio, não sei onde estou e o que me espera. A única coisa que não me está oculta é que, na luta cruel e encarniçada contra o diabo, princípio das coisas materiais, hei de vencer, e depois matéria e espírito se fundirão em maravilhosa harmonia e se instaurará o reinado da liberdade universal. Mas isso só ocorrerá quando, ao longo de muitos e muitos milênios, a Lua, a fulgurante Sírio e até a terra lentamente se transformarem em pó... Porém até lá será terrível, terrível... (Pausa. Sobre o lago aparecem dois pontos rubros) Já está se aproximando meu poderoso adversário, o diabo. Vejo seus horrendos olhos purpúreos...

ARKÁDINA – Sinto cheiro de enxofre. Tem de ser assim mesmo?

TREPLIOV – Sim

ARKÁDINA (*rindo*) – Ah, é um efeito cênico!

TREPLIOV – Mamãe!

NINA – Ela se aborrece sem o Homem...

POLINA (*a Dorn*) – O senhor tirou o chapéu. Ponha-o, senão vai pegar um resfriado.

ARKÁDINA – O doutro tirou o chapéu diante do diabo, o pai da eterna matéria.

TREPLIOV (*com ira súbita, levantando a voz*) – O espetáculo terminou! Chega! Cortina!

ARKÁDINA – Por que está zangado?

TREPLIOV – Chega! Cortina! Vamos com essa cortina (*Bate com o pé no chão*) Desça a cortina! (*A cortina desce*) Peço perdão! Esqueci que escrever peças e apresentá-las é privilégio de uns poucos eleitos. E eu ofendi esse monopólio! A mim... Eu... (*Quer dizer mais alguma coisa, porém apenas faz um gesto com a mão e se retira pela esquerda*)

ARKÁDINA – O que deu nele?

SORIN – Irina, meu bem, não se deve maltratar assim o amor-próprio de um jovem.

ARKÁDINA – Mas o que foi que eu disse?

SORIN – Ofendeu-o.

ARKÁDINA – Ele mesmo me preveniu que se tratava de uma brincadeira e tomei a peça como tal.

SORIN – Mas, de qualquer maneira...

ARKÁDINA – Agora descobriremos que ele escreveu uma obra-prima! Digam, por favor! Então ele organizou esse espetáculo e empestou-o de enxofre não por uma brincadeira, e sim para dar exemplo... Pretendia ensinar-nos como se deve escrever e o que se deve representar. Enfim...estou começando a me aborrecer. Esses contínuos ataques contra mim, essas alfinetadas, vocês me perdoem, qualquer um se cansaria disso! Um rapazinho caprichoso e cheio de si, isso é o que ele é!

SORIN – Ele queria apenas lhe agradar.

ARKÁDINA – É mesmo? No entanto não escolheu uma peça normal, e sim nos obrigou a escutar essa mixórdia decadente. Como brincadeira até estaria disposta a escutar o delírio, mas ele se apresenta com pretensões de uma nova forma, quer marcar época nas artes. E, na minha opinião, aqui não há nenhuma forma nova, apenas ele tem mau gênio.

TRIGORIN – Cada um escreve como quer e como pode.

ARKÁDINA – Pois escreva como quer e como pode, mas que me deixe em paz.

DORN – “Júpiter, estás irado...”²

ARKÁDINA – Não sou Júpiter, sou uma mulher. (*Acende um cigarro*) E não estou zangada, apenas me aborrece que um jovem gaste seu tempo com coisas tão enfadonhas. Não tive intenção de ofendê-lo.

MEDVEDENKO – Ninguém tem motivos para separar o espírito da matéria, pois o próprio espírito é, seguramente, a combinação de átomos materiais. (*Vivamente, a Trigorin*) Mas, sabe de uma coisa: seria boa idéia escrever uma peça e depois apresentá-la sobre como vivemos nós, os professores. Vida dura a nossa, e como!

ARKÁDINA – Lá isso é verdade, mas não falemos mais de peças e nem de átomos. A noite está linda! Estão ouvindo, senhores, o canto?! (*Aguça os ouvidos*) Como é bonito!

POLINA – Vem da margem de lá. (*Pausa*)

ARKÁDINA (*a Trigorin*) – Sente-se a meu lado. Uns dez ou quinze anos atrás quase todas as noites havia música e cantoria à beira do lago, ininterruptamente. Havia seis casas de campo aqui na margem. Lembro-me dos risos, da algazarra, do tiro ao alvo e de tantos e tantos romances de amor... E o jeune premier³ e ídolo das seis casas de veraneio era então – permitam que lhes apresente (*acena com a cabeça em direção a Dorn*) – o doutro Ievguenii Serguêitch. Mesmo hoje é um homem encantador, porém naquele tempo era irresistível... Mas a consciência começa a me atormentar. Por que ofendi meu pobre menino? Estou intranquãila. (*Alçando a voz*) Kostia! Meu filho! Kostia!

MACHA – Vou procurá-lo

² Início de um provérbio latino: “Júpiter estás irado; é que não estás com a razão.”

³ Galã principal.

ARKÁDINA – Faça-me esse favor, querida.

MACHA (*dirige-se à esquerda*) – U-uu! Konstantin Gavrilovitch!... U-uuuu! (*Sai*)

NINA (*surgindo de detrás do estrado*) – Pelo visto, não continuaremos, sendo assim, posso sair. Boa noite! (*Troca beijos com Arkádina e Polina Andréievna*)

SORIN – Bravo! Bravo!

ARKÁDINA – Bravo! Bravo! Admiramos sua representação. Com essa aparência e com essa voz maravilhosa é um pecado viver enfiada no campo. Não deve! Decerto tem talento também. Está ouvindo? Deve entrar para o teatro!

NINA – Oh! Isso é meu sonho! (*Suspira*) Mas nunca se tornará realidade.

ARKÁDINA – Quem sabe? Permita-me que lhe apresente: Boris Aleksêievitch Trigorin.

NINA – Ah, muito prazer... (*Encabulada*) leio sempre as...

ARKÁDINA (*fazendo-a sentar-se ao seu lado*) – Não fique encabulada, querida. Apesar de ser um homem célebre, sua alma é simples. Está vendo é ele que ficou sem jeito.

DORN – Creio que já se pode levantar a cortina, pois estou arrepiado...

CHAMRÁIEV (*Em voz alta*) – Iakov, meu rapaz, levante essa cortina! (*A cortina sobe*)

NINA (*a Trigorin*) – É uma peça estranha, não é?

TRIGORIN – Não entendi patavina. De resto, assisti com prazer. A senhora representou com muita sinceridade. E o cenário também era maravilhoso. (*pausa*) Nesse lago decerto há um bocado de peixe.

NINA – Sim.

TRIGORIN – Gosto de pescar. Para mim não existe prazer maior do que, à tardinha, sentar-se na margem e observar o anzol.

NINA – Pois eu acho que, para aquele que experimentou o prazer de criar, não pode existir outro maior.

ARKÁDINA (*rindo*) – Não fale assim! Quando lhe dizem belas palavras, ele fica completamente sem jeito.

CHAMRÁIEV – Lembro-me certa vez, na Ópera de Moscou, o célebre Silva emitia um Dó profundo. Para seu azar, se encontrava no teatro, sentado na galeria, um dos baixos do coro da nossa igreja, e de repente – podem imaginar o assombro – ouvimos, vindo da galeria: “Bravo, Silva!”, uma oitava inteira mais baixo... Assim (*com a voz de baixo profundo*) “Bravo, Silva!” ... O teatro todo ficou petrificado. (*pausa*)

DORN – O anjo do silêncio passou por aqui.

NINA – Tenho de ir. Adeus.

ARKÁDINA – Aonde? Por que tão cedo? Não vamos deixar que parta.

NINA – Papai está à minha espera.

ARKÁDINA – Mas que homem... (*Beijam-se*) Então, que se há de fazer? É pena, pena mesmo, deixá-la partir.

NINA – Se soubesse como me é difícil ir embora!

ARKÁDINA – Alguém vai acompanhá-la, minha menina..

NINA (*assustada*) – Oh, não, não!

SORIN (*suplicando-lhe*) – Fique, por favor!

NINA – Não posso, Piotr Nikoláivitch.

SORIN – Fique só mais uma hora e pronto! Isso não é nada demais.

NINA (*Depois de pensar um pouco, em lágrimas*) – Não posso! (*Aperta-lhe a mão e sai apressadamente*)

ARKÁDINA – É uma moça infeliz, realmente. Dizem que sua falecida mãe deixou para o marido toda a sua enorme fortuna, até o último copeque, e acoitada ficou sem nada, pois o pai agora legou em testamento tudo para a segunda mulher. É revoltante!

DORN – Sim, o paizinho, verdade seja dita, é uma besta quadrada.

SORIN (*esfregando as mãos geladas*) – Vamos andando, nós também senhoras e senhores, pois o ar está ficando úmido. Me doem as pernas.

ARKÁDINA – Suas pernas parecem pernas de pau, você mal se aguenta sobre elas. Vamos andando, velho infeliz! (*Segura-o pelo braço*)

CHAMRÁIEV (*oferecendo o braço à esposa*) – Madame?

SORIN – Ouço que o cachorro está de novo granindo (*A Chamráiev*) Illia Afanasievitch, tenha a bondade de pedir que o soltem.

CHAMRÁIEV – Impossível, Piotr Nikoláivitch, tenho medo que entrem ladroes no celeiro. Estou armazenando o milho lá dentro. (*A Medvedenko, que caminha a seu lado*) Pois é, uma oitava inteira mais baixo: “Bravo, Silva!” E não era nenhum cantor lírico, apenas um simples cantor do coro da igreja.

MEDVEDENKO – E quanto ganha um cantor de coro? (*Saem todos, apenas Dorn permanece*)

DORN (*sozinho*) – Não sei, pode ser que eu não entenda disso, ou que perdi a razão, mas essa peça me agrada. Há qualquer coisa nela. Quando essa moça falou da solidão e quando apareceram os olhos rubros do diabo, minhas mãos tremiam de emoção. Tudo era tão fresco e ingênuo... Mas, parece que é ele que vem aí. Gostaria de lhe dizer coisas agradáveis.

TREPLIOV (*entra*) – Já não há mais ninguém.

DORN – Eu estou aqui.

TREPLIOV – Máchenla me procurou por todo o parque. Criatura insuportável.

DORN – Konstantin Gravrilovith, gostei de mais de sua peça. É um pouco estranha e, apesar de não ter ouvido o final, me causou uma forte impressão. O senhor é talentoso, deve continuar (*Trepliov aperta-lhe a mão com força e abraça-o com ímpeto*) Puxa, como está nervoso! Os olhos cheios de lágrimas... O que era mesmo que ia dizendo? O senhor tomou o assunto da esfera das idéias abstratas. E assim está certo, pois a obra de arte deve expressar sempre um pensamento elevado. Só é bonito o que é sério. Como está pálido.

TREPLIOV – O senhor diz para eu continuar?

DORN – Sim... Mas mostre apenas o que é importante e eterno. Sabe, tive uma vida bem movimentada e aproveitei bem, estou satisfeito, mas se tivesse podido experimentar o enlevo espiritual que invade o artista no momento da criação, acho que teria desprezado meu invólucro material e tudo o que lhe é próprio e teria voado para o alto, o mais longe possível da terra...

TREPLIOV – Perdão, onde está Zarêtnaia ?

DORN – E ainda mais uma coisa. Em suas obras o pensamento deve ser claro e definido. Deve saber para que escreve, pois de outro modo, se seguir sem metas esse caminho pitoresco, poderá ficar desorientado, e o talento, então, será a sua desgraça.

TREPLIOV (*com impaciência*) – Onde está Zarêtnaia ?

DORN – Foi para casa.

TREPLIOV (*desesperado*) – O que vou fazer agora? Tenho de encontrá-la... Tenho de vê-la de qualquer maneira... Vou atrás dela... Eu vou. (*ENTRA MACHA*)

DORN (*a Trepliov*) – Acalme-se, amigo.

TREPLIOV – Não, mesmo assim eu vou. Tenho de ir.

MACHA – Venha para casa, Konstantin Gravilovitch.. Sua mãe está esperando. Está preocupada.

TREPLIOV – Diga-lhe que fui embora. E peço a todo que me deixem em paz! Deixem-me! Não tentem seguir-me!

DORN – Ora, ora meu caro... Não se deve ser assim... Isso não está certo.

TREPLIOV (*em lágrimas*) – Adeus, doutor! Obrigado... (*Sai*)

DORN (*suspirando*) – Mocidade, mocidade!

MACHA – Quando não se tem outra coisa a dizer, fica-se a repetir: mocidade, mocidade... (*Aspira rapé*)

DORN (*tira-lhe a caixinha de rapé e atira-a entre os arbustos*) – Isso é repugnante! (*Pausa*) Parece que estão jogando lá dentro. Vamos entrar.

MACHA – Espere.

DORN – O que é?

MACHA – Ainda quero lhe dizer uma coisa. Tenho de falar com o senhor... (*Agitada*) Não gosto de meu pai... Mas por alguma razão confio no senhor, o coração me diz que está próximo de mim... Pois então, ajude-me. Ajude-me, ou posso fazer uma besteira, zombar da minha vida e estragá-la... Não aguento mais.

DORN – O que lhe aconteceu? Como posso ajudá-la?

MACHA – Estou sofrendo. Ninguém, ninguém pode imaginar o quanto sofro! (*Reclina a cabeça sobre o peito de Dorn, a meia voz*) Amo Konstantin.

DORN – Puxa, mas como todos estão nervosos, como estão nervosos! E quanto amor! Ó, lago enfeitiçado! (*Com ternura*) Mas o que posso fazer minha criança? O quê? Diga! (*CORTINA*)

SEGUNDO ATO

(*CAMPO DE CRÍQUETE. NO FUNDO, À DIREITA, CASA COM GRANDE TERRAÇO; À ESQUERDA, VÊ-SE O LAGO SOBRE O QUAL SE REFLETE O SOL FAISCANTE. CANTEIROS DE FLORES. É MEIO-DIA. FAZ CALOR. JUNTO AO CAMPO DE CRÍQUETE, À SOMBRA DE UMA VELHA TÍLIA, ESTÃO SENTADOS NUM BANCO ARKÁDINA, DORN E MACHA. DORN TEM SOBRE OS JOELHOS UM LIVRO ABERTO*)

ARKÁDINA (*a Macha*) – Vamos nos levantar um pouco (*Erguem-se ambas*) Vamos ficar lado a lado. Você tem vinte e dois anos, e eu quase o dobro. Ievguenii Serguêvitch, qual de nós duas lhe parece mais juvenil?

DORN – A senhora, naturalmente.

ARKÁDINA – Está vendo?... E por quê? Porque eu trabalho, eu sinto, eu estou em permanente movimento, e você, enfiada sempre num canto, nem vive... Tenho por regra não olhar para o futuro. E nunca penso na velhice, nem na morte. O que há de ser será.

MACHA – Pois eu me sinto como se tivesse vindo a este mundo há muito, muito tempo. Apenas arrasto a vida, como uma barcaça interminável... E muitas vezes me falta até a vontade de viver. (*Senta-se*) Claro, tudo isso é besteira. Basta sacudir-se e tudo passa.

DORN (*cantarola*) – “Minhas flores, dissei a ela... “⁴

ARKÁDINA – Além disso, sou uma correção britânica. Tenho a postura de quem engoliu uma espada, como se costuma dizer, e sempre estou vestida e penteada *comme il faut*⁵. Sair de

⁴ Trecho de uma ária da ópera Fausto de Gounod.

⁵ “Como se deve”, em francês no original.

casa de *pegnoir* ou despenteada, ainda que fosse só até o jardim? Nunca. Por isso me conservei assim, porque nunca fui desleixada, nunca me larguei como algumas outras... (*Desfia pelo campo de críquete de mãos na cintura*) Estão vendo: leve como um passarinho! Poderia representar o papel de uma menina de quinze anos.

DORN – Sim. E agora vou continuar a leitura (*Pega o livro*) Paramos, foi, no negociante de grãos e as ratazanas...

ARKÁDINA – E as ratazanas. Leia! (*Senta-se*) Aliás, dê-me o livro, eu mesma vou ler. É a minha vez. (*Toma o livro e procura o lugar com os olhos*) E as ratazanas... Aqui está ... (*LÊ*) “E, naturalmente, atrair e mimar os romancistas é tão perigoso para a gente da sociedade, quanto um negociante de grãos criar ratazanas em seu celeiro. E, no entanto, gostamos deles assim mesmo. De modo que, quando uma mulher quer conquistar um escritor, assedia-o com agrados e elogios...” Bem, isso pode ser lá com os franceses, mas entre nós não é nem um pouco assim, entre nós não existe uma programação. Aqui a mulher, antes de conquistar o escritor, se permitem, está apaixonada por ele até as orelhas. Não é preciso ir longe: aqui estamos, eu e Trigorin... (*APARECE SORIN, APOIANDO-SE NUMA BENGALA, ACOMPANHADO DE NINA; SÃO SEGUIDOS POR MEDVEDENKO, QUE EMPURRA A CADEIRA DE RODAS VAZIA*)

SORIN (*a Nina, em tom de mimo, como se fala às crianças*) – Sim? Estamos satisfeitos hoje? Finalmente estamos contentes? (*À irmã*) Temos uma grande alegria! O papai e a madrasta foram a Tverb e agora estamos livres por três dias completos!

NINA (*senta-se ao lado de Arkádina e abraça-a*) – Estou tão feliz! Agora lhes pertencerei por inteiro.

SORIN (*senta-se em sua poltrona*) – Está bonita hoje.

ARKÁDINA – E elegante e interessante também... Assim é que deve ser! (*Beija Nina*) Mas não devemos elogiá-la demasiado, por podemos lhe dar azar. Onde está Boris Aleksêievitch?

NINA – Está pescando perto da casa de banhos.

ARKÁDINA – Como ele não enjoa disso! (*pretende reiniciar a leitura*)

NINA – O que estão lendo?

ARKÁDINA – Na água, de Maupassant, querida. (*Lê para si algumas linhas*) Bem, o resto não interessa e nem é verdade. (*Fecha o livro*) Estou inquieta. Diga-me, que passa com meu filho? Por que está tão triste e taciturno? Passa dias fora, no lago, quase não o vejo mais.

MACHA – Dói-lhe a alma (*A Nina, com timidez*) Declame para nós algo da peça!

NINA (*encolhendo os ombros*) – Deseja mesmo? Assim não é interessante!

MACHA (*com reprimida admiração*) – Quando ele declama alguma coisa, seus olhos brilham e o rosto empalidece. Tem uma voz muito bonita e triste e maneiras de um verdadeiro poeta. (*Ouve-se o ronco de Sorin*)

DORN – Boa noite!

ARKÁDINA – Petrucha!

SORIN – Hein?!

ARKÁDINA – Está dormindo?

SORIN – Que nada! (*Pausa*)

ARKÁDINA – Você não se trata, isso não está certo, mano.

SORIN – Eu me trataria de bom grado, mas o doutor não quer.

DORN – Tratar-se aos sessenta anos!...

SORIN – Também aos sessenta se quer viver.

DORN (*aborrecido*) – Está bem, então tome umas gotas de valeriana.

ARKÁDINA – Acho que não lhe faria mal ir a uma estação de águas.

DORN – Por mim, pode ir. Mas pode também ficar em casa.

ARKÁDINA – Vá entender isso!

DORN – Não há nada para entender. Está tudo claro. (*Pausa*)

MEDVEDENKO – Piotr Nikoláievitch devia largar o fumo.

SORIN – Tolice.

DORN – Não, não é tolice. O vinho e o tabaco destroem a personalidade. Após um charuto ou um copinho de vodca, o senhor já não é mais Piotr Nikoláievitch, e sim Piotr Nikoláievitch e mais alguém; o seu ego se dissolve e o senhor já se refere a si mesmo na terceira pessoa.

SORIN (*rindo*) – Para p senhor ‘fácil falar. O senhor teve uma vida intensa, mas e eu? Trabalhei no tribunal vinte e oito anos, mas ainda não vivi, nada experimentei e é compreensível que queira viver muito ainda, afinal de contas. O senhor é um homem saciado e ano se importa mais, por isso é propenso a filosofar, mas eu quero viver, por isso bebo vinho depois do almoço, por isso fumo charuto e pronto. Isso e mais nada.

DORN – É preciso encarar a vida com seriedade, mas tratar-se aos sessenta anos e se lamuriar de que a juventude pouco gozo lhe proporcionou, isso – perdoe-me – é leviandade.

MACHA (*levanta-se*) – Já é hora de almoçar. (*põe-se a andar frouxa e preguiçosamente*) Estou com as pernas dormentes... (*Sai*)

DORN – Agora ela vai e, antes do almoço, emborca dois copos.

SORIN – É infeliz, a coitada.

DORN – Tolices, excelência.

SORIN – Assim fala um homem saciado.

ARKÁDINA – Ah, pode existir algo mais tedioso que esse doce tédio rural!?! Calor, silêncio, o ócio é geral, só se filosofa... É bom estar aqui com vocês, meus amigos, é agradável ouvi-los, mas ficar no quarto de hotel e estudar um papel é muito melhor!

NINA (*com entusiasmo*) – É isso mesmo! Eu a compreendo.

SORIN – É claro que na cidade é melhor. Lá você está em seu escritório, o criado não deixa entrar ninguém sem sua permissão, há também o telefone... E, pelas ruas, os carros de aluguel e coisa e tal...

DORN (*cantarolando*) – “Minhas flores, dissei a ela...” (*ENTRA CHAMRÁIEV , SEGUIDO DE POLINA ADRÉIEVNA*)

CHAMRÁIEV – Estão aqui. Bom dia! (*Beija a mão de Arkádina, depois a de Nina*) Estou muito contente por poder encontrá-la com boa saúde. (*A Arkádina*) Minha esposa disse que a senhora e ela pensam em ir à cidade hoje. É verdade?

ARKÁDINA – Sim, é nossa intenção.

CHAMRÁIEV – Hum... Isso é ótimo mas, estimadas senhoras, de que jeito pretendem ir? Hoje toda a criadagem estará ocupada em armazenar o centeio. E, permita-me perguntar-lhe, que cavalos pretendiam usar?...

ARKÁDINA – Que cavalos? E eu vou lá saber!

SORIN – Mas nós temos cavalos de passeio para a carruagem!

CHAMRÁIEV (*nervoso*) – Cavalos de passeio?! E onde é que vou arrumar os arreios? Isso é assombroso. É inacreditável! Excelentíssima! Perdão, inclino-me com admiração diante de seu talento, de bom grado daria dez anos da minha vida pela senhora, mas cavalos, não temos para ceder.

ARKÁDINA – Mas se eu tenho que sair! Que coisa estranha!

CHAMRÁIEV – Excelentíssima! A senhora não sabe o que significa administrar uma fazenda!

ARKÁDINA (*elevando a voz*) – Sempre a mesma história! Nesse caso, volto para Moscou hoje mesmo. Contrate um coche para mim na aldeia, senão irei à estação a pé!

CHAMRÁIEV (*alterado*) – Sendo assim, eu me demito! Procurem outro administrador! (*Sai*)

ARKÁDINA – Todas verão a mesma coisa. Todos verão sou insultada aqui! Nunca mais porei os pés aqui! (*SAI PELA ESQUERDA, ONDE SE SUPÕE LOCALIZAR-SE A CASA DE BANHOS. PASSADO UM MINUTO, É VISTA ENTRANCE NA CASA; ATRÁS DELA VAI TRIGORIN, COM UM BALDE E UMA VARA DE PESCAR*)

SORIN (*elevando a voz*) – Que desaforo! Onde já se vou? Estou farto disso! Que tragam todos os cavalos agora mesmo!

NINA (*A Polina*) – Recusar a Irina Nikoláievna, uma atriz famosa! E não é mais importante qualquer desejo ou mesmo capricho seu do que a fazenda inteira?! É simplesmente incrível!

POLINA (*desesperada*) – Mas o que é que eu posso fazer? Ponha-se em meu lugar; que é que eu posso fazer?!

SORIN (*a Nina*) – Vamos ver minha irmã... Nós suplicaremos que não vá embora. Não é? (*Olha na direção em que saiu Chamráiev*) É um homem insuportável! Um tirando!

NINA (*impede-o de se levantar*) – Fique sentado, fique sentado... Nós o levaremos até lá... (*Empurram a cadeira de rodas, ela e Medvedenko*) Ai, é terrível...

SORIN – Sim, é terrível... Mas ele não vai se demitir, eu vou já falar com ele. (*SAEM, PERMANECENDO APENAS DORN E POLINA*)

DORN – Gente enfadonha. Na realidade, o que se devia fazer é enxotar seu marido a pontapés, mas esse molenga e a irmã vão lhe suplicar por perdão. A senhora verá!

POLINA – Mandou até os cavalos de passeio para o campo. Não passa um único dia sem algum desentendimento desse tipo. Se soubesse como isso me enerva! Fica doente; veja como estou tremendo... Não suporto a grosseria dele (*Em tom suplicante*) Leve-me consigo, Ievguenii querido, meu adorado... O tempo passa, já não somos jovens, se ao menos no fim da vida não tivéssemos de nos esconder, de mentir... (*Pausa*)

DORN – Estou com cinquenta anos, é tarde para mudar de vida.

POLINA – Sei que me recusa porque existem outras mulheres além de mim em sua vida. E não pode recolher a todas. Eu compreendo. Perdoe-me... Já deve estar farto de mim (*Aparece Nina, colhendo flores junto à casa*)

DORN – Ora, não é nada disso.

POLINA – O ciúme me faz sofrer. O senhor é médico, assim, naturalmente, não pode evitar as mulheres. Eu compreendo...

DORN (*a Nina, que se aproxima*) – Como estão as coisas lá dentro?

NINA – Irina Nikoláievna chora e Piotr Nikoláievitch está tendo uma crise de asma.

DORN (*levanta-se*) – Vou dar umas gotas de valeriana aos dois...

NINA (*entrega-lhe as flores*) – Tome!

DORN – Merci bien. (*Dirige-se à casa*)

POLINA (*seguindo-o*) – Que flores lindas! (*Chegando à casa, em voz abafada*) Dê-me estas flores! Dê-me estas flores! (*Ao receber as flores, despedaça-as e atira-as ao chão; os dois entram na casa*)

NINA (*sozinha*) – Como é estranho ver uma atriz famosa chorar, e ainda por cima por um motivo tão fútil... E não é estranho que um famoso escritor, o favorito do público, que aparece

em todos os jornais, tem o retrato vendido nas lojas e é traduzido para línguas estrangeiras, passe o dia pescando e se fisgar dois bagres fique todo satisfeito? Eu pensava que os homens famosos fossem orgulhosos, inacessíveis, que desprezassem as massas e, com a glória e o brilho de seu nome, como que se vingassem do mundo, que dá mais valor à posição social e à fortuna. Mas, na verdade, eles choram, pescam, jogam baralho e se aborrecem como qualquer um...

TREPLIOV (*entra com a cabeça descoberta, carregando uma espingarda e uma gaivota morta*) – Está só?

NINA – Sim, estou. (*Trepliov deposita a gaivota aos pés dela*) O que significa isso?

TREPLIOV – Hoje eu fui infame o suficiente para matar esta gaivota. Deposito-a a seus pés.

NINA – O que lhe aconteceu? (*Apanha a gaivota do chão e a contempla*)

TREPLIOV (*após uma pausa*) – Dentro em breve vou me matar da mesma maneira.

NINA – Não o reconheço.

TREPLIOV – Sim, eu também já há tempos que não a reconheço. Mudou em relação a mim, seu olhar é frio, minha presença apenas a constrange.

NINA – Nos últimos tempos você se tornou irritadiço, expressa-se de maneira confusa, como por símbolos. Suspeito que essa gaivota seja também um símbolo, só que, perdoe-me, não estou compreendendo... (*Deposita a gaivota sobre o banco*) Sou demasiado simples para compreendê-lo.

TREPLIOV – Começou na noite em que minha peça fracassou de modo tão tolo. As mulheres não perdoam o fracasso. Queimei tudo, tudo, até a última página. Se soubesse como estou infeliz! Seu esfriamento comigo é tão terrível, tão inacreditável, é como se eu acordasse agora e visse que o lago de repente secou ou correu para baixo da terra. Você disse agora mesmo que é simples demais para me compreender. Oh, mas o que há para compreender aqui?! Não gostou de minha peça, agora menospreza minha inspiração e já me considera um sujeito medíocre e insignificante, como há milhares por aí... (*Bate como pé no chão*) Eu certamente entendo isso muito bem, e como entendo! Como se um prego estivesse cravado em meu cérebro, maldito seja ele, juntamente com a vaidade que me suga o sangue, tal qual uma cobra... (*Avista Trigorin que se aproxima lendo um pequeno livro*) Aqui vem o verdadeiro talento, caminha como Hamlet, ele também segura um livro nas mãos. (*Em tom de zombaria*) “Palavras, palavras, palavras...” O sol ainda nem chegou aqui e você já sorri, o seu olhar já se derrete ao calor dos raios. Não vou mais incomodá-la. (*Sai apressado*)

TRIGORIN (*anotando algo no livrinho*) – Aspira rapé e bebe vodca... Sempre se veste de preto... O mestre-escola está apaixonada por ela...

NINA – Bom dia, Boris Alekêievitch!

TRIGORIN – Bom dia. A situação tomou um rumo inesperado, que faz com que viajemos, ao que parece, ainda hoje. É pouco provável que voltemos a nos ver, o que é uma pena. Raramente encontro moças jovens, jovens e interessantes. Já esqueci e nem sou mais capaz de imaginar com clareza como alguém se sente aos dezoito, dezenove anos, e assim, as figuras femininas jovens que aparecem em meus romances e contos são em geral falsas. Gostaria de

estar em seu lugar, nem que fosse só por uma hora, para saber o que pensa e como a senhora é...

NINA – E eu, em contrapartida, gostaria de estar em seu lugar.

TRIGORIN – Para quê?

NINA – Para descobrir como se sente um escritor talentoso e célebre. O que a fama representa para o senhor? O que sente sendo famosos?

TRIGORIN – O que sinto? Acho que nada. Ainda não me detive para pensar sobre isso. (Pensa um pouco) É uma destas duas coisas: ou a senhora exagera a minha fama ou não é possível senti-la de forma alguma.

NINA – E quando lê o que os jornais escrevem a seu respeito?

TRIGORIN – É agradável quando me elogiam, e quando me atacam fico de mau humor um par de dias.

NINA – É um mundo maravilhoso! Se o senhor soubesse como o invejo! A sorte não é igual para todos. Há os que arrastam sua vida monótona e apagada. Todos se assemelham entre si e todos são infelizes. A outros, como por exemplo ao senhor – um entre milhões – coube uma vida interessante, significativa e risonha... O senhor é feliz...

TRIGORIN – Eu? (*Encolhe os ombros*) Hum... A senhora fala de fama, de felicidade, de uma vida interessante e risonha, mas para mim essas são apenas belas palavras, perdoe-me, iguais à geléia que nunca como. A senhora é muito jovem e uma pessoa muito boa.

NINA – Sua vida é maravilhosa!

TRIGORIN – Ora, e o que ela tem de excepcionalmente belo? (*Consulta o relógio*) Agora devo ir, estou escrevendo. Perdoe-me, não me sobra mais tempo... (*Ri*) Como se diz, a senhora pisou em meu calo de estimação e estou começando a ficar agitado, e até um pouco irritado... Está bem, vamos conversar então. Falemos de minha vida risonha e maravilhosa. Por onde devo começar? (*Após pensar um pouco*) Às vezes uma ideia se impõe à força. Por exemplo: pensar dia e noite, ininterruptamente, na lua. Pois também eu tenho minha lua. Uma ideia fixa me domina, dia e noite: tenho de escrever, tenho de escrever, tenho... Nem bem terminei um romance, já devo, não sei por que, começar outro, depois um terceiro, após o terceiro o quarto.... Escrevo sem me dar trégua, sem interrupção, de outro modo não posso. Pois então, o que há de tão maravilhoso e risonho nisso? – eu lhe pergunto. A vida é uma corrida selvagem! Agora estou aqui em sua companhia, estou agitado, e, no entanto, a todo instante passa pela minha cabeça que uma novela inacabada está à minha espera. Vejo, por exemplo, aquela nuvem. Parece um piano. E penso: devo mencionar em alguma parte de um conto eu uma nuvem que lembrava um piano passou por mim... Sinto o perfume de hilitrópios. Logo minha mente registra: odor nauseante, flor-de-viúva, devo mencioná-lo ao descrever uma noite de verão. Caço cada frase ou palavra sua, e minha também, e me apresso a guardar essas frases e palavras o quanto antes em meu armazém literário: quem sabe me sirvam para algo um dia! Quando termino o trabalho, vou correndo ao teatro ou à pescaria; gostaria de descansar, de esquecer tudo – mas não; em minha cabeça já está começando a dar voltas outra pesada bala de canhão: o novo tema já me arrasta à mesa, e novamente tenho de escrever, escrever... E é assim sempre, sempre, eu mesmo não me dou sossego, sinto que devoro a minha própria vida, que coleteo pólen das mais belas flores para o mel que atirarei a

esmo, e enquanto isso arranco as flores também e esmago as raízes. E então, não sou um louco? Por acaso meus amigos e conhecidos me tratam como uma pessoa sensata? “O que está escrevendo? Com o que vai nos presentear?” sempre o mesmo, sempre o mesmo, e parece que toda essa atenção, esses louvores e arroubos, tudo, não passam de trapaça, iludem-me como a um doente; às vezes temo que, furtivamente, acerquem-se de mim pelas costas, me agarrem e me arrastem para um manicômio, como fizeram com Poprichtchin⁶. E naqueles anos – os melhores da minha mocidade -, quando me iniciei na literatura, escrever para mim era puro martírio. O escritor novato, principalmente se não tiver sorte, se considera um desastrado, desajeitado, um supérfluo, e seus nervos surrados se mantêm sob tensão constante, passa o tempo vagando pelos círculos ligados à literatura e às artes, sem que seja aceito ou sequer notado, teme encarar as pessoas de frente, tal qual um jogador viciado, que está sem dinheiro. Eu não via meu leitor mas, por alguma razão, sempre o imaginava pouco amistoso e desconfiado. Sentia medo do público, e toda vez que chegava o momento de apresentar uma peça nova tinha a sensação de que os morenos me eram hostis e os louros friamente indiferentes. Oh, como isso é terrível! Que tormento!

NINA – Perdoe-me, mas a inspiração e a criação não lhe proporcionam momentos sublimes e felizes?

TRIGORIN – Sim, proporcionam, enquanto escrevo, sinto-me bem. Ler as provas também é agradável, mas... Mal o livro é lançado já o detesto, pois vejo que é um fracasso, não devia tê-lo escrito de modo algum, ele me desgosta e eu me sinto pessimamente... (*Ri*) E o público que o lê diz: “Sim, é agradável, talentoso... Agradável, mas a que distancia está de Tolstoi” ou: “É uma beleza, , porém *Pais e filhos*, de Turgueniev, é bem melhor”. E assim vai: serei agradável e talentoso – ou talentoso e agradável – até a sepultura, porém nada mais que isso; e, quando morrer, os conhecidos, ao passarem diante de meu túmulo, dirão: “Aqui jaz Trigorin. Era um bom escritor, mas escrevia pior que Turgueniev”.

NINA – Desculpe, mas eu discordo. O senhor ficou mal-acostumado com o sucesso.

TRIGORIN – Que sucesso? Nunca fui do meu próprio agrado. Não gosto de mim como escritor. E o pior é que me encontro numa espécie de torpor, e frequentemente eu mesmo não entendo o que escrevo... Amo esta água, as árvores, o céu, sinto a natureza, ela desperta em mim uma paixão, um desejo irresistível de escrever. Porém não sou apenas um pintor de paisagens, sou também cidadão, amo minha pátria, meu povo, sinto que, se sou escritor, é minha obrigação falar do povo, de seus sofrimentos, de seu futuro, da ciência, dos direitos humanos, et cetera, et cetera; e eu falo de tudo, mas às pressas, pois me atacam raivosamente de todos os cantos, e eu me atiro de um lado para outro, como a raposa acuada pelos cães, vejo que a vida e a ciência progridem passo a passo, e eu vou ficando cada vez mais para trás, como o mujique que perdeu o trem, e por fim sinto que sei pintar belas paisagens e, quanto ao resto, sou falso, falso até a medula dos ossos.

NINA – O senhor se mata de tanto trabalhar, e não lhe sobram tempo nem vontade para reconhecer a própria importância. Mas, embora esteja insatisfeito consigo mesmo, para os outros o senhor é grande e maravilhoso! Se eu fosse um escritor como o senhor, daria toda a minha vida às massas, mas consciente de que o segredo da felicidade delas reside na capacidade de se elevarem até mim e empurrara meu carro triunfal.

TRIGORIN – Hum, o carro triunfal... Eu, por acaso, sou Agamenon?!⁷ (*Ambos sorriem*)

⁶ Herói do conto *Diário de um louco* de Gogol.

⁷ Rei de Argos, um dos comandantes gregos na guerra de Tróia.

NINA – Em troca da felicidade de ser escritora ou atriz eu suportaria o repúdio de meus familiares, a miséria, a desilusão, viveria num porão, comeria o pai que o diabo amassou, sofreria a insatisfação comigo mesma e com a consciência de minhas imperfeições, mas em troca, ah, eu exigiria a glória, a verdadeira, a estrondosa glória... (*Esconde o rosto entre as mãos*) Isso me dá vertigem!....Ufa!...

A VOZ DE ARKÁDINA (*vindo de dentro da casa*) – Boris Aleksêievitch!

TRIGORIN – Estão me chamando... Deve ser para fazer as malas. Mas eu não tenho vontade alguma de partir. (*Dirige o olhar para o lago*) olha, que lugar abençoado!... Como é bonito!

NINA – Está vendo aquela casa com jardim na outra margem?

TRIGORIN – Sim.

NINA – É a sede da fazenda de minha falecida mãe. Nasci lá. Passei toda a minha vida junto deste lago, conheço cada uma de suas ilhotas.

TRIGORIN – Que paisagem linda! (*Repara na gaivota*) E isso, o que é?

NINA – Uma gaivota. Konstantin Gavrilovitch a matou.

TRIGORIN – Belo pássaro. Não tenho mesmo vontade de partir. Tente convencer Irina Nikoláivena a ficar (*Anota algo no livrinho*)

NINA – O que o senhor está escrevendo?

TRIGORIN – São apenas anotações... Ocorreu-me um tema... (*Guarda o livrinho no bolso*) O tema para um pequeno conto: desde pequena vive à beira de um lago, uma jovem, assim como a senhora; ama o lago, como a gaivota, e é feliz e livre, como a gaivota. Mas chegou o homem, vou a moça e por pura falta do que fazer, destruiu-a, como a essa gaivota. (*Pausa. Na janela aparece Arkádina*)

ARKÁDINA – Onde está o senhor, Boris Aleksêievitch?

TRIGORIN – Estou indo! (*Começa a andar, olha para trás, para Nina. A Arkádina, quando chega ao pé da janela*) O que é?

ARKÁDINA – Vamos ficar (*Trigorin entra na casa*)

NINA (*aproxima-se da ribalta, após um momento de meditação*) – Estou sonhando!
(*CORTINA*)

TERCEIRO ATO

(*SALA DE JANTAR NA CASA DE SORIN. À ESQUERDA E À DIREITA, PORTAS. ARMÁRIO DE MEDICAMENTOS. NO CENTRO DA SALA, UMA MESA. UMA MALA, CAIXAS DE CHAPÉUS, MARCAS DE PREPARATIVOS PARA VIAGEM. TRIGORIN TOMA LANCHE E MACHA ESTÁ DE PÉ, A SEU LADO*)

MACHA – Tudo isso lhe conto por ser escritor. Pode aproveitá-lo. Juro pela minha alma, se ele tivesse se ferido gravemente eu não poderia viver nem mais um segundo. Mas sou corajosa. Decidi arrancar de vez esse amor de meu coração, arrancá-lo pela raiz.

TRIGORIN – Mas como?

MACHA – Vou me casar. Com Medvedenko.

TRIGORIN – O mestre-escola?

MACHA – Sim.

TRIGORIN – Não compreendo a necessidade disso.

MACHA – Amar sem esperança, passar longos anos esperando não sei o quê..... E se eu me casar, não sobrá mais tempo para o amor, as novas preocupações abafarão o passado. Além do mais, sabe, não deixará de ser uma mudança. Tomamos outra?

TRIGORIN – Não será demais?

MACHA – Que nada! (*Enche os cálices*) Não me olhe assim. as mulheres bebem com mais frequência do que o senhor imagina. É que ‘só uma pequena parcela o faz abertamente, como eu, as outras bebem às escondidas. E sempre vodca ou conhaque. (*Toca os cálices*) À sua saúde! O senhor é um homem tão sincero, pena que tenhamos de nos separar (*Bebem*)

TRIGORIN – Eu também não tenho vontade de partir.

MACHA – Pois peça a ela que fique.

TRIGORIN – Não, agora já não dá mais. O filho se comporta com absoluta falta de tato. Outro dia quase acerta um tiro na cabeça e agora, ouço dizer, pretende desafiar-me para um duelo. E tudo isso para quê? Ele emburra, se queixa e prega novas formas de arte... Mas se sobra espaço para todos, aos novos e também aos velhos – para que puxar briga?

MACHA – Há também o ciúme. Mas isso não é da minha conta (Pausa) (*IAKOV ATRAVESSA A CENA DA ESQUERDA PARA A DIREITA, CARREGANDO UMA MALA; ENTRA NA E PÁRA JUNTO À JANELA*)

MACHA – O meu mestre-escola não é lá muito brilhante, mas é uma boa pessoa e é pobre e gosta de mim. Tenho pena dele. E também de sua velha mãe... Então, permita-me desejar-lhe tudo de bom. Não me queira mal. (*Aperta-lhe a mão com calor*) Agradecida pela bondade que demonstrou para comigo. E não deixe de mandar seus livros – com dedicatória, sem falta! Só lhe peço para não por: “À mui estimada..”, mas simplesmente assim: “À Maria, que não sabe de onde vem, nem para onde vai e não entende o que faz neste mundo.” Adeus! (*Sai*)

NINA (*estende a mão a Trigorin com o punho cerrado*) – Par ou ímpar?

TRIGORIN – Par

NINA (*suspira*) – Não. Tenho apenas um grão de ervilha na mão... Estou jogando a sorte, se devo ou não ser atriz. Se ao menos alguém me aconselhasse!

TRIGORIN – Não se pode dar conselhos quanto a essas coisas (*Pausa*)

NINA – Vamos nos separar... e talvez nunca mais nos encontremos. Peço que aceite esta medalhinha, como recordação. Mandei gravar nela suas iniciais... E do outro lado, o título de um livro seu: *Dias e noites*.

TRIGORIN – Que simpático! (*Beija o medalhão*) É um presente encantador!

NINA – Pense em mim de vez em quando.

TRIGORIN – Pensarei. Vou me recordar da senhora tal como a vi naquele dia ensolarado – Lembra-se? -, uma semana atrás... Usava um vestido claro... Conversamos... e sobre o banco, jazia então uma gaivota branca.

NINA (*pensativa*) – Sim, a gaivota... (*Pausa*) não podemos continuar a conversa, vem gente... Antes de partir, conceda-me dois minutos, suplico... (*SAI PELA ESQUERDA. AO MESMO TEMPO, ENTRAM PELA DIREITA ARKÁDINA E SORIN, TRAJANDO FRAQUE, COM UMA CONDECORAÇÃO NO PEITO, E DEPOIS IAKOV, ESTE OCUPADO COMAS MALAS*)

ARKÁDINA – Fique em casa, velho. Não convém fazer visitas com seu reumatismo! (*A Trigorin*) Quem saiu daqui agora mesmo? Foi Nina?

TRIGORIN – Sim.

ARKÁDINA – Pardon, nós o atrapalhamos... (*Senta-se*) Acho que está tudo empacotado. Estou exausta.

TRIGORIN (*lê a inscrição no medalhão*) – Dias e noites, página 121, linhas 11 e 12.

IAKOV (*tirando a mesa*) – Devemos empacotar os seus apetrechos de pesca também, senhor?

TRIGORIN – Sim. Ainda vou precisar deles. Os livros, pode dar a alguém .

IAKOV – Sim , senhor.

TRIGORIN (*consigo mesmo*) – Página 121, linhas 11 e 12. O que haverá nessa linhas (*A Arkádina*) Tem algum livro meu aqui?

ARKÁDINA – No escritório do meu irmão, no armário do canto.

TRIGORIN – Pagina 121... (*Sai*)

ARKÁDINA – Realmente, Petrucha, fique em casa...

SORIN – Vocês vão embora e sem vocês a vida será dura aqui em casa.

ARKÁDINA – E na cidade, o que tem lá?

SORIN – Nada de especial, mas mesmo assim... (*Ri*) Vão lançar a pedra fundamental da casa dos ruralistas e coisa e tal... Gostaria, mesmo que fosse só pro algumas horas, de acordar

dessa vida de réptil. Estou tão encardido como uma piteira velha. Mandeï aprontar os cavalos para uma hora, vamos partir todos juntos.

ARKÁDINA (*depois de uma pequena pausa*) – Então seja feliz, não se aborreça e nem apanhe resfriado. Cuide de meu filho. Tome conta dele. Dê-lhe bons conselhos. (*Pausa*) Vou partir agora, e sem saber por que Konstantin tentou se matar. Acho que o motivo principal foi o ciúme, e o quanto antes levar Trigorin daqui, melhor será.

SORIN – Bem... Como vou dizer... Havia também outros motivos. Está claro: é um rapaz jovem, inteligente, que, no entanto, vive na roça, onde o judas perdeu as botas, sem dinheiro, emprego ou futuro. Nenhuma ocupação. Ele se envergonha dessa ociosidade e tem medo dela. Gosto muito dele, ele também é apegado a mim mas, apesar de tudo, parece-lhe estar sobrando aqui, acha que é um parasita, um vadio. Seu amor-próprio o perturba... É natural...

ARKÁDINA – Ele me causa tantos problemas! (*Pensativa*) E ele poderia talvez arrumar um emprego, não é?

SORIN (*assobia um pouco, depois indeciso*) – Acho que o melhor seria se... Você lhe desse um pouco de dinheiro. Antes de mais nada, ele precisa se vestir decentemente e coisa e tal... Olhe para ele, usa há três anos o mesmo paletó velho e não tem sobretudo... (*Ri*) E espairar um pouco, também não faria mal ao rapaz, fazer uma viagem ao exterior, sei lá... Afinal, não custa tanto assim!

ARKÁDINA – Bem... Talvez eu tivesse dinheiro para as roupas, mas para uma viagem ao exterior... Aliás, neste momento não me sobra dinheiro nem mesmo para as roupas. (*Com decisão*) Não tenho dinheiro! (*Sorin ri*) Não tenho!

SORIN (*depois de assobiar um pouco*) – Sim, perdoe-me querida, não se zangue. Eu acredito... Pois você é uma mulher de coração nobre e generosos.

ARKÁDINA (*em lágrimas*) – Não tenho dinheiro!

SORIN – Se eu tivesse dinheiro, está claro que eu mesmo daria a ele, mas não tenho um vintém. (*Ri*) Meu administrador me toma toda a pensão e a gasta com a lavoura, o gado e a apicultura, e lá se foi o dinheiro. As abelhas morrem, as vacas morrem, e não me dão nem mesmo um cavallinho para passear...

ARKÁDINA – Bem, claro, eu tenho dinheiro, mas sou uma atriz, e só gastos com roupas já me deixam à beira da ruína.

SORIN – Você é boa, minha querida... Eu a estimo e respeito... Pois é... Mas, estou me sentindo mal outra vez... (*Cambaleia*) Minha cabeça está girando (*Segura-se à mesa*) Estou me sentindo mal...

ARKÁDINA (*assustada*) – Petrucha! (*Tenta ampará-lo*) Petrucha querido... (*Grita*) Venham me ajudar! Venham! (*Entram Trepliov, de cabeça envolta em ataduras, e Medvedenko*) Ele está passando mal!

SORIN – Não é nada, não é nada... (*Sorri e bebe água*) Já passou...

TREPLIOV (*à mãe*) – Não se assuste, mamãe, não é nada sério. Ultimamente isso tem acontecido com frequência. (*Ao tio*) Deve se deitar um pouco, titio!

SORIN – Um pouco, sim...Mas depois vou à cidade... Descanso um pouco e depois vou... Está claro... (*Caminha apoiando-se na bengala*)

MEDVEDENKO (*segurando-o pelo braço*) – Adivinhe o que é: de manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia com duas e à tarde com três.

SORIN (*rindo*) – É isso mesmo! E à noite se deita de costas. Obrigado, não se incomode, posso andar sozinho...

MEDVEDENKO – Ora, deixe de cerimônia!.. (*Sai acompanha Sorin*)

ARKÁDINA – Levei um susto!

TREPLIOV – A vida do campo faz mal a ele. Ele se aborrece aqui. Está vendo, se você, num rasgo de generosidade, lhe emprestasse mil e quinhentos ou dois mil rublos ele poderia passar um ano inteiro na cidade.

ARKÁDINA – Não tenho dinheiro. Sou atriz e não banqueira. (*Pausa*)

TREPLIOV – Mamãe, troque as minhas atadura. Você faz isso tão bem.

ARKÁDINA (*tira do armário de medicamentos iodofórmio e o material para curativos*) – O doutor está atrasado.

TREPLIOV – Prometeu estar aqui antes das dez e já é meio dia.

ARKÁDINA – Sente-se (*tira as ataduras da cabeça do filho*) Isso parece um turbante. Ontem na cozinha um pedinte perguntou qual era a sua nacionalidade. Olhe, já quase cicatrizou. Só resta uma coisica de nada. (*Beija a cabeça do filho*) Mas seu eu partir, você não vai aprontar mais nenhuma outra travessura, não é?

TREPLIOV – Não, mamãe. Aquilo foi um momento de louco desespero, quando não soube me dominar. Não voltará a se repetir. (*Beija as mãos da mãe*) Você tem mãos de ouro. Lembro-me, há muito tempo, quando você ainda trabalhava no teatro estatal – eu ainda era um menino -, de que houve uma grande briga no prédio, a lavadeira, que morava lá também, apanhou muito. Lembra? Ela perdeu os sentidos... E você ia sempre à casa dela, levava-lhe remédios e dava banho nos filhos dela numa tina. Será que você não se lembra?

ARKÁDINA – Não. (*Coloca uma atadura nova na cabeça do filho*)

TREPLIOV – Moravam também duas bailarinas no mesmo prédio... Elas vinham tomar café com você.

ARKÁDINA – Disso eu me lembro.

TREPLIOV – Eram um bocado beatas, as duas. (*Pausa*) Nos últimos tempos, estes dias agora, amo-a com ternura e abnegação da minha infância. Não me resta mais ninguém, além de você. Mas... Por que, por que se submete tanto à influencia daquele homem?

ARKÁDINA – Você não o compreende, Konstantin. Ele é de uma nobreza invulgar...

TREPLIOV – No entanto, quando disseram a ele que eu pretendia desafiá-lo para um duelo, sua nobreza não o impediu de comportar-se como um covarde. Ele vai-se embora... Para sua vergonha, ele vai fugir!...

ARKÁDINA – Que tolice! Fui eu quem lhe pediu para que fossemos embora daqui.

TREPLIOV – Que nobreza invulgar! Agora mesmo, por pouco não brigamos por causa dele, enquanto ele, em algum lugar no salão ou no jardim, estará rindo de nós... Cultivando Nina e se esforçando por convencê-la de que ele, Trigorin, é um gênio.

ARKÁDINA – Você se delicia em dizer-me coisas desagradáveis. Eu respeito esse homem e peço-lhe que na minha presença não fale mal dele.

TREPLIOV – Pois eu não o respeito. Você quer que eu o considere um gênio mas. Me perdoe, eu não sei mentir – detesto suas obras.

ARKÁDINA – Isso é pura inveja. Aos homens de pouco talento e de muita pretensão não resta mais nada senão injuriar os verdadeiros talentos. É um triste consolo, sem dúvida!

TREPLIOV (*irônico*) – Verdadeiros talentos! (*Irado*) Pois, já que estamos falando nisso, eu tenho mais talento que vocês todos juntos! (*Arranca a atadura da cabeça*) Vocês, com sua rotina batida, se autoproclamaram os maiores das artes e só consideraram legítimo e verdadeiro o que vocês fazem, oprimem e sufocam todo o resto! Pois eu não os reconheço como tais! Não reconheço nem a você e nem a ele!

ARKÁDINA – Decadente!

TREPLIOV – Então vá a seu querido teatro e represente aquelas míseras peças sem um pingo de talento!

ARKÁDINA – Nunca atuei em tais peças! Deixe-me em paz! Você não é capaz de escrever nem mesmo um mísero vaudeville. Burguesinho de Kiev! Parasita!

TREPLIOV – Avarenta!

ARKÁDINA – Esfarrapado! (*Trepliov senta-se e chora em silêncio*) Seu João-ninguém! (*Caminha de um lado para outro agitada*) Não chore... Não deve chorar... (*Chora*) Não deve... (*Beija-lhe a testa, as faces, a cabeça*) Filho querido, me perdoe!... Perdoe sua mãe pecadora. Perdoe a pobre infeliz que sou!

TREPLIOV (*abraçando-a*) – Oh, se você soubesse! Perdi tudo. Ela não me ama e já não consigo escrever... Minhas esperanças todas se foram...

ARKÁDINA – Nas se desespere... Tudo se ajeitará. Ele vai partir logo e Nina vai amar você de novo (*Seca as lágrimas do filho*) Basta! Já fizemos as pazes.

TREPLIOV (*beija-lhe as mãos*) – Sim, mamãe.

ARKÁDINA (*com ternura*) – Faça as pazes com ele também. Não haverá duelo algum... Não é?

TREPLIOV – Está bem... Mas não queira, mamãe, que eu me encontre com ele. Seria demais para mim... Não posso... (*Entra Trigorin*) Bem... Já vou indo... (*Apressado, repõe os remédios no armário*) O doutor vai terminar o curativo...

TRIGORIN (*folheando um livro*) – Página 121, linhas 11 e 12... Aqui está... (*Lê*) “Se um dia precisares de minha vida, vem tomá-la...” (*Trépliov apanha as ataduras do chão e sai*)

ARKÁDINA (*consulta o relógio*) – Logo vão chegar os cavalos.

TRIGORIN (*consigo mesmo*) – “Se um dia precisares de minha vida, vem tomá-la.”

ARKÁDINA – Já fez as malar?

TRIGORIN (*impaciente*) – Sim, sim... (*pensativo*) Por que no apelo dessa lama pura ouço tanta tristeza que sinto um aperto no coração? “Se um ida precisares de minha vida, vem tomá-la”. (*A Arkádina*) Fiquemos por mais alguns dias! (*Arkádina acena um não com a cabeça*) Fiquemos!

ARKÁDINA – Sei o que o prende aqui, querido. Mas domine-se. Você está um pouco embriagado, procure ficar sóbrio.

TRIGORIN – Seja sóbria você também, seja inteligente e sensata, suplico-lhe que aceite tudo isso com o espírito de uma verdadeira amiga... (*Aperta-lhe a mão*) Você é capaz de sacrifícios... Demonstre-me sua amizade e deixe-me livre...

ARKÁDINA (*sob forte emoção*) – Está tão apaixonado assim?

TRIGORIN – Algo nela me atrai! Talvez seja justamente o que tanto preciso.

ARKÁDINA – O ar de uma moça do interior? Oh, como você se conhece pouco!

TRIGORIN – Às vezes, sonhamos acordados... Pois eu me sinto assim agora: falo com você, mas como se estivesse dormindo e, no sonho, visse a ela... Um doce e maravilhoso devaneio se apoderou de mim... Deixe-me livre...

ARKÁDINA (*trêmula*) – Não, não... Sou uma mulher igual às outras, não se pode falar assim comigo... Não me atormente, Boris... Isso é terrível...

TRIGORIN – Se você quiser, pode ser melhor que as outras. Um amor jovem, maravilhosos, impregnado de poesia nos leva ao mundo dos sonhos – só ele pode nos dar a felicidade! Nunca experimentei um amor assim... Na juventude não me sobrava tempo, batia às portas de redação em redação, lutava contra a miséria... E agora, por fim, este amor chega e me seduz... Que sentido teria fugir dele?

ARKÁDINA (*irada*) – Você enlouqueceu?

TRIGORIN – Quem sabe.

ARKÁDINA – Hoje todos conspiram para me martirizar. (*Chora*)

TRIGORIN (*leva as mãos à cabeça*) – Ela não compreende! Não quer compreender.

ARKÁDINA – É possível que esteja tão velha e feia que já não possa falar diante de mim de outras mulheres, sem se incomodar? *(Abraça-o e o beija)* Você perdeu o juízo! Meu ser maravilhoso, meu adorado... A última página da minha vida! *(Ajoelha-se)* Minha alegria, meu orgulho, minha salvação... *(Abraça os joelhos do homem)* Se você me abandonar, por uma hora que seja, não poderei suportar, vou enlouquecer, oh, ser maravilhosos, magnífico, meu amo e senhor!

TRIGORIN – Pode entrar alguém. *(Ajuda-a se levantar)*

ARKÁDINA – Que entrem, eu não me envergonho do amor que sinto por você. *(Beija-lhe as mãos)* Meu tesouro, seu moleque desmiolado, você quer cometer uma loucura, mas eu não quero, não vou deixar... *(Ri)* Você é meu... Só meu. A testa e os olhos são meus, estes maravilhosos cabelos sedosos, também são meus... Você é todo meu. Você é tão talentoso e inteligente! É o melhor entre todos os escritores atuais, é a única esperança da Rússia! Há tanta sinceridade, simplicidade e frescor em você... E humor sadio... É capaz de revelar com um único traço o essencial, aquilo que caracteriza uma personagem ou uma paisagem, seus tipos têm vida! Só é possível lê-lo com entusiasmo! Acha que isso é adulação? Que estou bajulando? Pois, olhe-me nos olhos... Olhe-me! ... Parece que estou mentindo? Ouça! Só eu sei lhe dar o verdadeiro valor. Só eu digo a verdade, meu amado, meu ser maravilhosos... Você vem comigo?... Sim? Não vai me abandonar, não é?

TRIGORIN – Não tenho vontade própria... Nunca tive vontade própria... Sou um frouxo, um molenga, sempre submisso. Como isso pode agradar a uma mulher? Pode me tomar, se quiser me carregue, mas não permita que me afaste um só passo de você.

ARKÁDINA *(consigo mesma)* – Agora já é meu. *(Descontraidamente, como se nada tivesse acontecido)* De resto, se quiser, pode ficar. Eu volto sozinha agora e você se junta a mim daqui a uma semana. De fato, por que você deveria se apressar?

TRIGORIN – Não! Vamos juntos de uma vez!

ARKÁDINA – Como queira. Juntos? Que viajemos juntos então... *(Pausa. Trigorin faz uma anotação no livrinho)* O que você está escrevendo?

TRIGORIN – Hoje de manhã ouvi uma bonita expressão: “Bosque das Donzelas...” Talvez me sirva. *(Espreguiça-se)* Então, vamos viajar? Outra vez vagões, estações, restaurantes, filés, bate-papos...

CHAMRÁIEV *(entra)* – Tenho a honra de anunciar-lhes com profundo pesar: os cavalos estão a postos. Está na hora de partir, excelentíssima. O trem chega às duas e cinco... Então, Irina Nikoláievna, faça-me o favor de não esquecer de averiguar onde se encontra agora o ator Surdaltzev. Se está vivo e goza de boa saúde. Outrora bebericávamos juntos. Em *O correio roubado* sua atuação fora inigualável...Lembro-me, em Ielisavetgrado trabalhava então com ele Izmailov, o trágico, outra personalidade notável... Mas deve se apressar, estimadíssima senhora, restam apenas cinco minutos. Certa vez, num melodrama, os dois faziam o papel de conspiradores e, ao ser de repente desmascarados, o texto dizia: “Caímos numa armadilha”, e Izmailov disse: “Caímos numa armadilha...” *(Ri às gargalhadas)* Armadilha... *(Enquanto ele fala, Iakov ocupa-se das malas, a criada entrega o chapéu, o casaco, a sombrinha e as luvas a Arkádina, a quem todos ajudam a se vestir. Aparece à porta da esquerda o cozinheiro e entra com passos hesitantes. Em seguida, entra Polina, acompanhada de Sorin e Medvedenko)*

POLINA (*com uma cestinha na mão*) – São ameixas... Para a viagem... Docinhas. Se lhe apetecer comer algo...

ARKÁDINA – A senhora é tão boa, Polina.

POLINA – Deus a tenha, querida! Perdoe se algo não correu do jeito como... (Desata a chorar)

ARKÁDINA (*abraçando-a*) – Tudo esteve muito bom, bom mesmo. Não é preciso chorar.

POLINA – O tempo vai passando sobre nós!

ARKÁDINA – O que se há de fazer?

SORIN (*de sobretudo, chapéu e bengala, entra pela porta da esquerda e atravessa a sala*) – Mana, temos de ir andando, se não quisermos chegar atrasados, afinal de contas. Eu já estou subindo no carro. (*Sai*)

MEDVEDENKO – E eu vou à estação a pé... Para me despedir...Estarei lá num instante... (*Sai*)

ARKÁDINA – Até mais ver, queridos... No próximo verão, se estivermos vivos e com boa saúde, nos veremos de novo. (*A criada, Iakov e o cozinheiro beijam-lhe a mão*) Não se esqueçam de mim (*Dá um rublo ao cozinheiro*) Tome um rublo. É para os três.

O COZINHEIRO – Respeitosamente gratos, senhora. Uma boa viagem! Obrigado pela sua bondade!

IAKOV – Deus a acompanhe.

CHAMRÁIEV – Escreva algumas linhas, que nos deixarão muito felizes. Adeus, Bóris Aleksêievitch!

ARKÁDINA – Onde está Konstantin? Avisem-lhe que estou de partida. Temos de nos despedir. Bem, então, não me queiram mal (*A Iakov*) Dei um rublo ao cozinheiro. É para vocês três. (*TODOS SAEM PELA DIREITA. O PALCO ESTÁ VAZIO. OUVI-SE BARULHO VINDO DE DETRÁS DOS CENÁRIOS, PRÓPRIO DAS DESPEDIDAS. A CRIADA RETORNA PARA PEGAR NA MESA A CESTA COM AS AMEIXAS, DEPOIS SAI*)

TRIGORIN (*retorna*) – Esqueci a bengala. Acho que foi no terraço (*põe-se a caminhar e, ao chegar à porta da esquerda, encontra-se com Nina, que vem entrance*) É a senhora? Já estamos de partida...

NINA – Presentia que ainda nos veríamos de novo. (*Agitada*) Boris Aleksêievitch! Tomei a decisão! Irrevogável! Minha sorte está lançada: vou me tornar uma atriz. Amanhã não estarei mais aqui, deixo meu pai, abandono tudo, vou começar vida nova... Vou partir também, como o senhor... Para Moscou. Lá nos encontraremos.

TRIGORIN (*Olha em volta*) – Hospede-se no Slavianskii Bazar. Dê notícias imediatamente... Rua Moltchánovka, edifício Grokholskii...Tenha pressa... (*Pausa*)

NINA – Só mais um segundo...

TRIGORIN (*em voz baixa*) – A senhora é tão bela! Oh, que felicidade poder pensar que logo nos veremos. (*Nina reclina a cabeça sobre o peito de Trigorin*) E voltarei a ver esses olhos divinos, esse sorriso inexprimivelmente belo e meigo... esses traços suaves...essa pureza angelical... Minha amada!... (*Beijo prolongado*) (*CORTINA. ENTRE O TERCEIRO E QUARTO ATOS DECORREM DOIS ANOS*)

QUARTO ATO

(*UMA DAS SALAS DA CASA DE SORIN, QUE KONSTANTIN TREPLIOV TRANSFORMOU EM GABINETE DE TRABALHO. À DIREITA E À ESQUERDA, PORTAS QUE DÃO PARA OS APOSENTOS INTERNOS. DEFRONTE, UMA PORTA ENVIDRAÇADA QUE SE COMUNICA COMO TERRAÇO. ALÉM DA MOBÍLIA PRÓPRIA DE SALAS DE ESTAR, SE VÊEM NO CANTO DIREITO UMA ESCRIVANINHA E PERTO DA PORTA DA ESQUERDA UM SOFÁ-TURCO E UM ARMÁRIO COM LIVROS. SOBRE O PARAPEITO DA JANELA E SOBRE AS CADEIRAS HÁ LIVROS ESPALHADOS. É NOITE. UMA LÂMPADA DE GLOBO ESTÁ ACESA. MEIA-LUA. OUVEM-SE O SUSSURRO DAS ÁRVORES E O UIVO DO VENTO NAS CHAMINÉS, ASSIM COMO SÓ PASSOS DO GUARDA-NOTURNO. ENTRAM MEDVEDENKO E MACHA*)

MACHA (*grita*) – Konstantin Gavrilitch! (*Olha em volta*) Não há ninguém. O velho pergunta por Kostia a todo instante. “Onde está Kostia, onde está Kostia?...” Não consegue viver sem ele...

MEDVEDENKO – A solidão o assusta. (*Aguça os ouvidos*) Que tempo horrível! Já vai para dois dias.

MACHA (*aviva a chama da lamparina*) – Há ondas enormes no lago.

MEDVEDENKO – No jardim está tão escuro! Deveríamos mandar demonstrar aquele palco no jardim. Lá está ele, nu e feio, como um esqueleto, o vento golpeando a cortina. Quando passei por lá à tardinha, tive a impressão de ouvir alguém chorar.

MACHA – Que tolice... (*Pausa*)

MEDVEDENKO – Vamos para casa, Macha.

MACHA (*nega com a cabeça*) – Vou passar a noite aqui.

MEDVEDENKO (*suplicando-lhe*) – Vamos para casa, Macha! O bebê deve estar com fome.

MACHA – Besteira. Matriona vai cuidar dele. (*Pausa*)

MEDVEDENKO – Tenho pena do coitado. Já é a terceira noite sem a mãe...

MACHA – Você está me aborrecendo. Antes pelo menos filosofava um pouco, mas agora é só o bebê e mais o bebê e vamos para casa, vamos para casa – não se ouve outra coisa de você.

MEDVEDENKO – Vamos para casa, Macha!

MACHA – Vá você!

MEDVEDENKO – Seu pai não vai me ceder cavalo.

MACHA – Vai sim. Peça que ele cede sim.

MEDVEDENKO - Vou pedir-lhe, quem sabe ele me arruma um. Então, você virá amanhã?

MACHA (*aspirando rapé*) – Está bem, amanhã. Vá, deixe-me em paz... (*ENTRAM TREPLIOV E POLINA. TREPLIOV CARREGA TRAVESSEIROS E COBERTORES, E POLINA OUTRAS ROUPAS DE CAMA; DEPOSITAM TUDO SOBRE O SOFÁ-TURCO, DEPOIS TREPLIOV DIRIGE-SE À ESCRIVANINHA E SENTA-SE*)

MACHA – Para que é isso, mamãe?

POLINA – Piotr Nikoláievitch pediu que arrumássemos a cama dele no escritório de Kostia.

MACHA – Deixe que eu a faço... (*Arruma a cama*)

POLINA (*Suspirando*) – O velho já parece uma criança... (*Dirige-se à escrivaninha e, debruçando-se nela, contempla os originais de um texto. Pausa*)

MEDVEDENKO – Então eu vou andando. Fique com Deus, Macha. (*Beija a mão da esposa*) Adeus, mãezinha. (*quer beijar também a mão da sogra*)

POLINA (*aborrecida*) – Bah! Vá com Deus!

MEDVEDENKO – Adeus Konstatin Gavrilovitch. (*Trepliov estende-lhe a mão em silêncio; Medvedenko sai*)

POLINA (*olhando os originais*) – Quem diria que você, Kostia, um dia se converteria num escritor de verdade. E veja só, graças a Deus, até dinheiro as revistas têm lhe mandado. (*Acaricia os cabelos de Konstantin*) E que homem bonito se tornou... Querido e bom Kostia, seja um pouco mais amável com minha Máchenka!...

MACHA (*fazendo a cama*) – Deixe-o em paz, mamãe!

POLINA (*A Trepliov*) – Ela é uma mulher muito boazinha. (*Pausa*) A mulher, Kostia, basta um olhar carinhoso e mais nada. Sei por mim mesma (*Trepliov levanta-se da escrivaninha e sai em silêncio*)

MACHA – Está vendo: você o irritou. Por que foi molestá-lo?

POLINA – Sinto pena de você, Máchenka.

MACHA – Que importa!

POLINA – Meu coração sofre por você. Pois vejo tudo, compreendo tudo.

MACHA – Bobagem! Um amor sem esperanças. Isso só existe nos romances. Besteira. Basta não se abandonar e na ficar esperando o impossível... Se o amor penetrou no coração, é preciso arrancá-lo de lá. Um dia desses prometeram transferir meu marido para outro distrito. Quando mudarmos para lá vou esquecer tudo... Vou arrancar tudo de meu coração pela raiz.

(DE UM APOSENTO DISTANTE CHEGAM OS COMPASSOS DE UMA VALSA MELANCÓLICA)

POLINA – Kostia está tocando. Quer dizer que está triste novamente.

MACHA (*dança em silêncio alguns passos ao som da valsa*) – O principal, mamãe, é não vê-lo a todo instante. Basta transferirem meu Semion e, acredite, em um mês estará tudo esquecido. É duo besteira. (*Abre-se a porta da esquerda e aparecem Dorn e Medvedenko, empurrando Sorin numa cadeira de rodas*)

MEDVEDENKO – Já somos seis em casa. E a farinha custa setenta copeques, a arroba.

DORN – Eis o x da questão.

MEDVEDENKO – Para o senhor é fácil rir. Tem dinheiro de sobra.

DORN – Dinheiro, eu? Em trinta anos de prática ininterrupta da medicina, trabalhando sem descanso dia e noite, consegui juntar apenas dois mil rublos, mas durante a recente viagem pelo estrangeiro gastei tudo. Não tenho um tostão furado.

MACHA (*a marido*) – Você não foi para casa?

MEDVEDENKO (*com ar culpado*) – De que jeito? Se não me emprestam um cavalo!

MACHA (*aborrecida e amargurada, em voz baixa*) – Suma-se da minha vista... (*A cadeira de rodas pára na metade esquerda da sala; Polina, Macha e Dorn se sentam junto dela; Medvedenko, cabisbaixo, se retira*)

DORN – Mas como tudo mudou aqui! Transformaram a sala em escritório.

MACHA – Aqui Konstantin consegue trabalhar mais à vontade. Pode sair direto para o jardim para meditar. (*OUVEM-SE AS BATIDAS DO GUARDA –NOTURNO*)

SORIN – Onde está a minha irmã?

DORN – Foi buscar Trigorin na estação. Volta logo.

SORIN – Meu estado deve ser grave se vocês acharem necessário fazer minha irmã vir até aqui. (*Após breve silêncio*) E o estranho é que, apesar do meu estado grave, não me dão remédio algum.

DORN – E o que quer que lhe demos? Gotas de valeriana? Bicarbonato de Sódio? Quinina?

SORIN – Lá vem o sermão! Oh, que miséria! (*Aponta coma cabeça para o sofá-turco*) Aquela cama foi arrumada para mim?

POLINA – Foi, sim, Piotr Nikoláievitch.

SORIN – Muito obrigado.

DORN (*cantarolando*) – “No céu escuro a lua flutua...”

SORIN – Quero sugerir a Kostia um tema para um romance. O título seria: “*O homem que quis*”, *L’homme qui a voulu*. Quando jovem, quis ser literato – mas não fui; quis manejar bem a língua – e falava abominavelmente (*ironizando a si mesmo*) “... de maneiras que...” ou “... como ira dizendo...”, a relação não teria fim, e olhe que já estou suando frio; quis me casar – e não me casei; sempre quis viver na cidade – e termino a vida no campo e acabou-se.

DORN – Quis ser conselheiro de Estado – e fui.

SORIN (*rindo*) – Isso eu não ambicionava. Aconteceu por si.

DORN – Estar descontente com vida aos sessenta e dois anos de idade – convenhamos, é deselegante.

SORIN – Que cabeça dura, a sal! Entenda, de uma vez, eu quero viver!

DORN – Isso é leviandade. É lei da natureza que toda vida se interrompe um dia.

SORIN – Assim pensa o homem saciado. O senhor está saciado e, sendo assim, é indiferente à vida. Tanto lhe faz morrer. Mas até o senhor sentirá medo da morte.

DORN – O medo da morte – é um medo animal... Temos de sufocá-lo. Só temem a morte racionalmente aqueles que crêem na vida eterna: esses têm medo por seus pecados. O senhor, primeiro, não crê; segundo, que pecados tem? Ter trabalhando vinte e cinco anos no tribunal... apenas isso.

SORIN (*rindo*) – Vinte e oito (*Entra Trepliov, senta-se num banquinho, aos pés de Sorin. Todo o tempo Macha não tira os olhos dele*)

DORN – Estamos perturbando Konstantin no trabalho.

TREPLIOV – De modo algum. (*Pausa*)

MEDVEDENKO – Permita que lhe pergunte, doutor, qual é a cidade estrangeira que mais lhe agradou?

DORN – Foi Gênova.

TREPLIOV – Por que justamente Gênova?

DORN – É magnífica aquela multidão pelas ruas. Quando à noite você sai do hotel, a rua está inundada de gente. Depois você anda, sem rumo, no meio da multidão, para cá e para lá, em zigue-zague... Vivendo a vida deles, numa fusão espiritual com eles, e começa acreditar que de fato é possível a existência da alma universal que tempos atrás Zarêchnaia representou em sua peça. A propósito, onde está Zarêchnaia agora? Por onde anda e como está?

TREPLIOV – Deve estar bem.

DORN – Ouvi dizer que estava levando uma vida bastante singular. É verdade?

TREPLIOV – Esta é uma longa história, doutor.

DORN – Então me faça apenas um resumo (*Pausa*)

TREPLIOV – Fugiu de casa e se juntou com Trigorin. Isso o senhor sabe, não é?

DORN – Sei.

TREPLIOV – Teve um filho, mas ele morreu. Trigorin se cansou dela e, como era de se esperar, voltou aos antigos amores. Na verdade, ele nunca abandonou de todo seus vínculos anteriores, sem caráter como é; encontrou um jeito de estar aqui e acolá. Pelas notícias que me chegavam, pude constatar que a vida particular de Nina foi um fiasco total.

DORN – E o teatro?

TREPLIOV – Parece que pior ainda. Ela estreou num teatro nos arredores de Moscou, depois passou para o interior. Naquele tempo eu não a perdia de vista. Aonde ela ia, lá ia eu também. Escolhia sempre papéis importantes, mas representava-os de modo grosseiro, com mau gosto, gestos exagerados e muita gritaria. Havia momentos em que suas exclamações revelavam talento, em que agonizava com talento, mas eram apenas lampejos.

DORN – Quer dizer que, apesar de tudo, ela tem talento?

TREPLIOV – É difícil julgar. Talvez ela tenha talento. Eu a via, mas ela não me queria ver e tampouco a criada me deixava entrar em seu quarto de hotel. Eu compreendia seu estado de espírito e não forçava o encontro. *(Pausa)* Que mais posso dizer? Posteriormente, já de volta em casa, cheguei a receber diversas cartas dela. Cartas inteligentes, calorosas e interessantes. Não se queixava, mas eu sentia que ela estava muito infeliz; cada linha era um nervo enfermo, às floras da pele... Também sua imaginação devia estar um tanto transtornada. Assinava sempre “Gaivota”. Em *A sereia*⁸ o moleiro se autodenominava corvo; pois também ela repetia sempre que era uma gaivota. Agora está aqui.

DORN – Como assim, está aqui?

TREPLIOV – Está na cidade, hospedada numa estalagem. Já faz cinco dias. Tentei vê-la, mas não recebe ninguém. Maria Ilinitchna também tentou, mas em vão. Semion Seminovitch afirma que viu ontem, depois do almoço, no campo, a menos de duas verstas daqui.

MEDVEDENKO – Sim, eu a vi. Ela ia para aquele lado, em direção à cidade. Cumprimentei-a, perguntei-lhe por que não nos faz uma visita. Ela disse que viria.

TREPLIOV – Não virá *(Pausa)* O pai e a madrasta não querem nem ouvir falar dela. Puseram guardas por toda parte para impedi-la de se aproximar da sede da fazenda. *(Dirige-se à escrivaninha como doutor)* É tão fácil, doutor, ser filósofo no papel e tão difícil na vida real!

SORIN – Era uma moça encantadora

DORN – O que disse?

SORIN – Digo que ela era uma moça encantadora. Houve um tempo em que Sorin, o conselheiro de Estado, esteve enamorado por ela.

DORN – Velho namorado. *(Ouve-se a risada de Chamráiev)*

⁸ Drama de Puchkin.

POLINA – Parece que os nosso já chegaram da estação.

TREPLIOV – Sim, estou ouvindo a voz de mamãe. (*ENTRAM ARKÁDINA E TRIGORIN, SEGUIDOS DE CHAMRÁIEV*)

CHAMRÁIEV (*entrando*) – Todos estamos ficando velhos, excelentíssima senhora, o tempo vai nos desgastando, mas a senhora continua sempre jovem... Blusa calara, vivacidade, graça...

ARKÁDINA – Lá está o senhor outra vez querendo me pôr mau-olhado, homem detestável!

TRIGORIN (*a Sorin*) – Boa noite, Piotr Nikoláievitch! O senhor sempre às voltas com uma doença. Isso não está certo! (*Avista Macha, com alegria*) Maria Ilinitchna!

MACHA – Então ainda me reconhece? (*Apertam as mãos*)

TRIGORIN – Casou-se?

MACHA – Faz tempo.

TRIGORIN – São felizes? (*Cumprimenta Dorn e Medvedenko e depois, hesitante, aproxima-se de Trepliov*) Irina Nikoláievna me disse que o senhor já esqueceu o passado e não me guarda mais ressentimentos. (*Trepliov estende-lhe a mão*)

ARKÁDINA (*Ao filho*) – Bóris Aleksêievitch trouxe uma revista que tem seu novo conto.

TREPLIOV (*recebe a revista. A Trigorin*) – Obrigado. É muito gentil (*Sentam-se*)

TRIGORIN – Seus admiradores lhe mandam cumprimentos... Em Petersburgo e em Moscou se interessam muito pelo senhor e perguntam constantemente: que espécie de homem é o senhor, se é moreno ou louro. Por alguma razão, todos pensam que já não é jovem. E, como escreve sob pseudônimo, ninguém conhece seu verdadeiro nome. É tão misterioso quanto o Máscara de Ferro.

TREPLIOV – O senhor vai se demorar aqui?

TRIGORIN – Não, amanhã pretendo voltar para Moscou. Tenho de ir. Estou com pressa de terminar um romance e também prometi escrever algo para uma antologia. Ou seja, é a velha história de sempre. (*Enquanto eles conversam, Arkádina e Polina instalam uma mesa de jogo no centro do aposento e abrem-na; Chamráiev acende velas e coloca cadeiras em torno da mesa. Um jogo de “loto” é tirado do armário*) O tempo não me recebeu com muito carinho. Há um vento danado. Se amainar até amanhã de manhã, vou ao lago pescar. E aproveitarei para rever o jardim e o lugar, onde – recorda-se? – sua peça foi encenada. Tenho na cabeça a idéia já madura de um conto, apenas devo refrescar a memória sobre o local da ação.

MACHA (*ao pai*) – Papai, ceda um cavalo a meu marido! Ele tem de voltar para casa.

CHAMRÁIEV (*zombando*) – Um cavalo... Para casa... (*Em tom severo*) Você mesma pode ver: acabei de mandá-los à estação. Não posso estafar os cavalos.

MACHA – Mas se há outros... (*Vendo que o pai permanece em silêncio, faz um gesto de desistência com a mão*) O mesmo que falar com as paredes...

MEDVEDENKO – Vou a pé, Macha... Realmente...

POLINA (*suspirando*) – A pé, com um tempo desses... (*senta-se à mesa de jogo*) Vamos amigos, sentem-se...

MEDVEDENKO – São seis verstas ao lado... Adeus... (*Beija a mão da esposa*) Adeus, mamãe. (*De má-vontade, a sogra lhe estende a mão para que a beije*) Eu, por mim não incomodaria ninguém, mas é que o bebê... (*Faz reverência a todos*) Adeus a todos... (*Retira-se com ar culpado*)

CHAMRÁIEV – Vai chegar em casa, com certeza... Não é nenhum general.

POLINA (*tamborilando na mesa*) – Vamos, minha gente. Não devemos perder tempo, pois logo vão nos chamar para o jantar. (*Chamráiev, Macha e Dorn sentam-se à mesa*)

ARKÁDINA (*A Trigorin*) – Quando chegam as longas noites de outono, aqui sempre se joga víspora. Veja, é o velho loto que nossa falecida mãe jogava conosco, quando éramos crianças. Não quer jogar uma partida antes de jantar? (*Ela e Trigorin sentam-se à mesa*) É um jogo monótono, mas a gente se acostuma. (*Dá três cartas a cada um*)

TREPLIOV (*folheia a revista*) – Ele leu seu próprio conto, mas nem sequer abriu as folhas do meu. (*Deposita a revista sobre a escrivaninha e depois se dirige à porta da esquerda; ao passar pela mãe, beija-lhe a cabeça*)

ARKÁDINA – E você, Kostia?

TREPLIOV – Perdoe-me, não tenho vontade... Vou dar uma volta. (*Sai*)

ARKÁDINA – A aposta é de dez coquetes. Ponha por mim, doutor.

DORN – Às suas ordens.

MACHA – Todos já apostaram? Eu começo.. Vinte e dois!

ARKÁDINA – Tenho.

MACHA – Três!...

DORN – Sim.

MACHA – Pôs os três? Oito! Oitenta e um! Dez!

CHAMRÁIEV – Não corra tanto!

ARKÁDINA – Que recepção tive em Kharkov, Jesus Cristo, ainda estou tonta!

MACHA – Trinta e quatro! (*Detrás do cenário soam os compassos de uma valsa melódica*)

ARKÁDINA – Os estudantes me festejaram... Três cestos de flores, duas corbelhas e mais isto... (*Tira um broche do peito e joga-o sobre a mesa*)

CHAMRÁIEV – Puxa vida, isto sim uma coisa...

MACHA – Cinquenta!

DORN – Cinquenta redondos?

ARKÁDINA – Eu usava um vestido maravilhoso... Digam o que quiserem, mas sei vestir-me muito bem.

POLINA – Kostia está tocando. Está triste, o coitadinho.

CHAMRÁIEV – As críticas dos jornais têm sido bem ruins.

MACHA – Setenta e sete!

ARKÁDINA – Ele gosta de chamar a atenção.

TRIGORIN – Ele não está se saindo bem. Não consegue encontrar o tom certo. Existe algo estranho, vago, nele, que às vezes beira as raias do delírio. Nem uma única de suas personagens tem vida.

MACHA – Onze!

ARKÁDINA (*Lançando um olhar a Sorin*) – Está se aborrecendo, Petrucho? (*Pausa*) Ele está dormindo.

DORN – O conselheiro de Estado dorme.

MACHA – Sete! Noventa!

TRIGORIN – Se eu pudesse viver neste solar, à beira do lago, não escreveria uma única linha! Dominaria essa paixão dentro de mim e não faria outra coisa senão pescar!

MACHA – Vinte e oito!

TRIGORIN – Fisgar uma perca ou uma acerina – o prazer que isso me daria!

DORN – Pois eu acredito em Konstantin Gavrilitch! Há algo nele! Ele pensa em imagens, os contos são expressivos, coloridos, sinto-os intensamente. Pena que ele não veja diante de si objetivos definidos. Ele produz impressão nas pessoas, mas nada mais que isso, e apenas com uma impressão não se pode ir muito longe. Irina Nikoláievna, a senhora se alegra por ter um filho escritor?

ARKÁDINA – Imagine, ainda não li nada dele. Não me sobra tempo.

MACHA – Vinte e seis! (*TREPLIOV ENTRA SILENCIOSAMENTE E SENTA-SE EM SUA ESCRIVANINHA*)

CHAMRÁIEV (*a Trigorin*) – Sabe, Boris Aleksêievitch, temos aqui algo que lhe pertence.

TRIGORIN – O QUÊ?

CHAMRÁIEV – Quando Konstantin Gavrilitch matou aquela gaivota, o senhor me encarregou de empalhá-la.

TRIGORIN – Não me recordo (*pensativo*) não me recordo.

MACHA – Sessenta e seis! Um!

TREPLIOV (*abre as duas folhas da janela e põe-se à escuta*) – Que escuridão! Não sei por que estou tão inquieto.

ARKÁDINA – Kostia, feche a janela! Está entrance vento (*Trepliov fecha a janela*)

MACHA – Oitenta e oito!

TRIGORIN – Pronto amigos, ganhei a partida!

ARKÁDINA (*com alegria*) – Bravo, bravo!

CHAMRÁIEV – Bravo!

ARKÁDINA – Esse homem tem sorte sempre e em tudo (*Levanta-se*) E agora vamos comer alguma cosia. Nossa celebridade nem almoçou hoje. Depois do jantar continuaremos. (*Ao filho*) Deixe esses manuscritos, Kostia, e venha jantar.

REPLIOV – Não quero mamãe, não tenho fome.

ARKÁDINA – Como queira. (*Tenta acordar Sorin*) Petrucha! Vamos jantar! (*Toma o braço de Chamráiev*) Vou lhe contar como fui recepcionada em Kharkov... (*POLINA APAGA AS VELAS SOBRE A MESA E EMPURRA A CADEIRA DE TODAS COM A AJUDA DE DORN. TODOS SAEM PELA ESQUERDA; APENAS TREPLIOV PERMANECE EM CENA, SENTADO À ESCRIVANINHA*)

TREPLIOV (*prepara-se para escrever, passa os olhos sobre o que já havia escrito*) – Tenho falado tanto sobre as novas formas e agora sinto que aos poucos estou mergulhado na rotina. (*Lê*) “O cartaz sobre o muro proclamava... rosto pálido emoldurado pelos cabelos negros...” Proclamava, emoldurado... São lugares-comuns (*Risca-os do texto*) Vou começar pelo ruído da chuva acordando o herói e o resto vai para o lixo. A descrição da noite enluarada é longa demais e artificial. Trigorin já aprendeu como se deve fazer; para ele é fácil... Em seu texto, no açude brilha o gargalo de uma garrafa quebrada, negreja a sombra da roda de moinho – e aí está, prontinha, a noite enluarada. Ao passo que, no meu: luzes bruxuleantes, silenciosas, estrelas cintilantes, o som distante de um piano se esmaecendo no ar quieto e perfumado... Isso é torturante! (*Pausa*) Sim, cada vez me convenço mais e mais que, quando se escreve, não se deve pensar em formas novas ou velhas, não é isso o que importa, e sim permitir que o texto flua livremente de sua alma. (*Alguém bate na janela próxima à escrivaninha*) Que será? (*Olha pela janela*) Não vejo nada... (*Abre a porta envidraçada e olha para fora, para o jardim*) Alguém desceu correndo a escada. (*Grita*) Quem está aí? (*Sai, ouvem-se seus passos apressados; após meio minuto retorna, na companhia de Nina Zarêchnaia*) Nina! Nina! (*Nina deposita a cabeça no peito de Trepliov e desata num choro convulso*)

TREPLIOV (*Comovido*) – Nina! Nina! É você... é você... Eu como que o pressenti... passei o dia todo terrivelmente agitado (*Tira o capote e o chapéu de Nina*) Oh, minha querida, minha adorada, finalmente você está aqui! Não devemos chorar, não chore...

NINA – Tem alguém aqui...

TREPLIOV – Não há ninguém.

NINA – Tranque a porta, senão pode entrar alguém.

TREPLIOV – Não vai entrar ninguém.

NINA – Sei que Irina Nikoláievna está aqui. Tranque a porta...

TREPLIOV (*fecha a porta à chave e se dirige à porta da esquerda*) – Esta não tem fechadura. Vou colocar uma poltrona aqui (*Coloca uma poltrona diante da porta*) Não tenha medo, ninguém vai entrar.

NINA (*Olha-o no rosto fixamente*) – Deixe-me olhá-lo! (*Olha em volta*) Faz calor aqui, é agradável. Antes aqui era uma sala. Mudei muito?

TREPLIOV – Sim... Está magra; os olhos ficaram maiores. Nina! É tão estranho vê-la agora. Pr que não quis me receber? E por que não veio antes? Sei que está morando aqui há quase uma semana... Fui até onde está hospedada, todos os dias, várias vezes ao dia; fiquei parado debaixo de sua janela, como um mendigo.

NINA – Tinha medo de que você acabasse me odiando. Sonho todas as noites que me olha, olha e não me reconhece. Oh, se soubesse! Desde que cheguei, quantas vezes estive aqui...no lago. Quantas vezes estive perto de sua casa e não tive a coragem de entrar. Vamos sentar. (*Sentam-se*) Vamos, sentar e conversar, conversar. É bom aqui, é quente... Acolhedor... Está ouvindo o uivo do vento? Turgueniev escreve em algum lugar. “Feliz daquele que passa uma noite inclemente debaixo de um teto, que tem um abrigo.” Eu sou uma gaivota... Não, não era isso que queria dizer. (*Esfrega a testa*) Mas o que estava mesmo dizendo? Sim... Turgueniev... “E Deus ajude todo peregrino sem um teto...” Não, não é nada! (*Chora convulsivamente*)

TREPLIOV – Nina! Outra vez, Nina!

NINA – Não é nada, isso me alivia... Não chorava há dois anos. Ontem, tarde da noite, vim ver se ainda existia nosso teatro no jardim. Pois ainda está lá, de pé. Pela primeira vez em dois anos desatei a chorar e me senti melhor, a alma mais leve. Está vendo, já não choro mais. (*Toma a mão de Trepliov*) Então se tornou escritor... Você, um escritor, e eu, uma atriz... Ambos mergulhados nos redemoinhos da vida... Antes vivia feliz, como uma criança – acordava cantando; amava você, sonhava com a glória... E agora?... Amanhã de manhã tenho de viajar para Iêletz – de terceira classe... Entre mujiques. E em Iêletz “comerciantes cultos” vão me assediar com suas amabilidades. Como a vida é bruta!

TREPLIOV – Por que para Iêletz?

NINA – Assinei com eles um contrato para todo o inverno. É tempo de ir.

TREPLIOV – Nina, eu amaldiçoava você, odiava, rasgava suas cartas, as fotos, mas sabia o tempo todo que minha alma estava presa a você não tenho forças para arrancá-la do coração, Nina. Desde que a perdi e desde que, vez ou outra, aparecem publicados os meus trabalhos, a vida para mim se tornou insuportável... Sofro... De repente a minha mocidade foi interrompida e sinto como se já tivesse vivido noventa anos neste mundo. Chamo por você, beijo o chão que pisava; para onde quer que eu olhe, vejo seu rosto por toda parte, esse sorriso meigo que iluminou os melhores anos de minha vida...

NINA (*para o lado, desconcertada*) – Por que ele fala assim, porque ele fala assim?

TREPLIOV – Estou sozinho, nenhum afeto me aquece, sinto frio, como se vivesse debaixo da terra, e tudo o que escrevo é seco, sem vida e sombrio. Fique aqui, Nina, eu suplico, ou permita que eu vá com você. (*Nina põe rapidamente o chapéu e veste a capa*) Nina! Pelo amor de Deus, Nina... (*Observa-a enquanto ela se veste. Pausa*)

NINA – O coche está à minha espera junto à porta do jardim. Não me acompanhe, vou sozinha. (*Entre lágrimas*) Dê-me um pouco de água...

TREPLIOV (*serve-lhe água*) – Agora vai para onde?

NINA – Para a cidade (*Pausa*) Irina Nikoláievna está aqui?

TREPLIOV – Está... O tio passou mal na quinta –feira e nós telegrafamos para ela vir.

NINA – Por que disse que beijava o chão onde eu pisava, quando deveria é me matar? (*Inclina a cabeça sobre a mesa*) Estou tão consumida! Seria toa bom poder descansar... descansar! (*Ergue a cabeça*) Sou uma gaivota... Não! Sou uma atriz. É, sim! (*Escuta o riso de Arkádina e Trigorin, aguça os ouvidos, depois corre à porta da esquerda e espia pelo buraco da fechadura*) Ele também está aqui... (*Volta para junto de Trepliov*) Pois é... Não é nada...Sim... Ele não acreditava no teatro, ria de meus sonhos, de modo que, aos poucos, eu também fui perdendo a crença e a coragem... Depois, vieram as aflições do amor, os ciúmes, o eterno temos pelo bebê... Tornei-me mesquinha, insignificante, representava sem convencer. Não sabia o que fazer com as mãos, como me postar em cena, não dominava a voz. Você não pode compreender o que é isso, ter consciência de que atua terrivelmente mal. Sou uma gaivota. Não, não é isso... Um dia – lembra? – você matou aquela gaivota. O acaso trouxe um homem que viu a gaivota e a destruiu por simples enfado, falta do que fazer... Tema para um pequeno conto.. Mas tampouco é isso.. (*Esfrega a testa*) De que eu falava mesmo?... Ah, sim, falava do teatro. Agora sou outra pessoa. Agora sou uma atriz de verdade, trabalho com prazer e paixão. No palco uma embriaguez se apodera de mim e me sinto bela. Desde que estou aqui, passo o tempo andando, perambulando, pensando, pensando, e sinto o ânimo crescer dia a dia... E agora, Kostia, já sei e compreendo que, em nosso trabalho – tanto faz se atuamos no palco ou escrevemos -. O importante não é a glória, nem o brilho ou a realização dos sonhos, e sim saber sofrer. Saber carregar a cruz e ter fé! Eu tenho fé e não sinto tanta dor e, quando penso em minha profissão, já não temo a vida.

TREPLIOV (*com tristeza*) – Você encontrou seu caminho, sabe para onde vai, mas eu continue flutuando no caos dos delírios e das imagens, sem saber para que e para quem serve tudo isso. Não tenho fé e não sei qual é minha vocação.

NINA (*aguçando os ouvidos*) – Pss... Eu já vou. Adeus. Quando eu for uma grande atriz, venha me ver representar. Promete? E agora... (*estende-lhe a mão*) Já é tarde... Mal me agüento de pé... Estou exausta e faminta...

TREPLIOV – Fique aqui, eu lhe sirvo um jantar...

NINA – Não, não...Não me acompanhe, vou sozinha... O coche está aqui perto... Então, ela trouxe Trigorin consigo? Bem, tanto faz. Quando o encontrar, não lhe diga nada... Eu amo Trigorin. Amo-o até mais do que antes... Tema para um pequeno conto... Amo-o, amo-o com paixão, desesperadamente. Como era bom antes, Kostia! Você se lembra? Que vida feliz, cálida e alegre, e que sentimentos – semelhantes às flores mais belas e delicadas! Lembra?...

(Recita) “Homens, leões, águias e cordonizes, cervos galheiros, gansos, aranhas e habitantes das águas: peixes silenciosos, estrelas do mar, e tudo o que o olho humano não podia ver – em suma, todas as vidas, todas as vidas, tendo completado seu triste ciclo, se extinguiram... Há já milhares de séculos a terra não carrega em sua superfície nenhuma criatura viva, e essa pobre lua acende seu farol em vão. Na campinha as cegonhas não mais despertam em meio a grande alvoroço, tampouco se ouve o zumbido dos besouros nos bosques de tílias.” *(Abraça Trepliov com ímpeto e foge pela porta envidraçada)*

TREPLIOV *(Após uma pausa)* – Não seria bom se alguém a visse no jardim e depois contasse à mamãe. Mamãe pode ficar magoada... *(Em dois minutos rasga todos os manuscritos, atira-os debaixo da mesa e depois destranca a porta da direita e sai)*

DORN *(esforçando-se em abrir a porta da esquerda)* – Estranho! Como se a porta estivesse trancada... *(Entra e recoloca a poltrona no lugar)* Corrida de obstáculos. *(ENTRAM ARKÁDINA E POLINA ANDRÉIEVNA, SEGUIDAS POR MACHA E IAKOV, QUE CARREGA GARRAFAS, E DEPOIS POR CHAMRÁIEV E TRIGORIN)*

ARKÁDINA – Coloque o vinho tinto e a cerveja de Boris aqui na mesa. Vamos jogar e bebericar. Sentem-se, amigos.

POLINA *(A Iakov)* – Traga logo o chá também. *(Acende as velas e senta-se à mesa de jogo)*

CHAMRÁIEV *(leva Trigorin até o armário)* – Bem, era sobre isto que lhe falava ainda há pouco... *(Retira do armário a gaivota empalhada)* O senhor a encomendou

TRIGORIN *(olhando a gaivota)* – Não me recordo! *(Pausa)* Não me recordo! *(À direita, atrás do palco, soa um disparo; todos estremecem)*

ARKÁDINA *(muito assustada)* – O que foi isso?

DORN – Nada. Decerto estourou algo em minha botica de viagem. Não fique preocupada! *(Sai pela porta da direita e regressa um instante depois)* Era isso mesmo. Estourou um frasco de éter. *(Cantarola)* “Estou de novo diante de ti, enfeitado...”

ARKÁDINA *(sentando-se à mesa)* – Ufa levei um enorme susto! Lembrei do dia quando... *(Esconde o rosto nas mãos)* O mundo escureceu diante de mim...

DORN *(folheando a revista, a Trigorin)* – Há dois meses publicaram um artigo aqui... Uma carta da América e queria pedir-lhe, se não for incômodo... *(abraça Trigorin e o conduz até o proscênio)* como essa questão me interessa muito... *(Abafando a voz)* Leve Irina embora daqui. O caso é que Konstantin meteu um tiro na cabeça... *(CORTINA)*

FIM